

CONRADO BIANCHI NETO

**DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA CORÉIA DO SUL (1960 – 2005):
A INDUSTRIALIZAÇÃO VIA PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES**

Monografia apresentada como requisito parcial à
conclusão do Curso de Ciências Econômicas,
Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade
Federal do Paraná.
Orientador: Prof. Dr. Fabio Doria Scatolin

**CURITIBA
2010**

TERMO DE APROVAÇÃO

CONRADO BIANCHI NETO

**DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA CORÉIA DO SUL (1960 – 2005):
A INDUSTRIALIZAÇÃO VIA PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:


Prof. Dr. Fabio Doria Scatolin

Departamento de Ciências Econômicas, UFPR


Prof. Dr. Walter Tadahiro Shima

Departamento de Ciências Econômicas, UFPR


Prof. Dr. José Guilherme Silva Vieira

Departamento de Ciências Econômicas, UFPR

Curitiba, 07 de Dezembro de 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, por ter me auxiliado nos momentos difíceis e sempre estiveram ao meu lado.

Ao meu pai, Luiz, por sempre me forçar a ultrapassar meus limites e crescer pessoalmente.

À mãe, Fátima, por todos os anos de carinho e atenção que dedicou a mim.

À minha irmã, Louise, responsável por ler todos os meus trabalhos acadêmicos e avaliá-los principalmente quanto à qualidade da escrita.

À minha colega de curso, Francini, por ter me auxiliado quanto à formatação do trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fabio D. Scatolin, por ter me inspirado quanto ao tema que escolhi para este trabalho, o desenvolvimento econômico e pelo auxílio que me prestou de bom grado em todos os momentos que precisei de iluminação quanto ao caminho que precisava seguir.

A todos os outros professores que tornaram possível a chegada até aqui, sobretudo ao Prof. Dr. José Guilherme Vieira, que me acompanhou em várias disciplinas e me ensinou o *show* que pode ser aprender economia.

Aos colegas, especialmente ao Joaquim, Francini e Carlos Eduardo, que me acompanharam durante a vida acadêmica, profissional e social durante todo ou quase todo o período do curso de Ciências Econômicas.

E, finalmente, a Deus, pela oportunidade e pelo privilégio que me foi dado em compartilhar a tamanha experiência da vida e, ao frequentar este curso, perceber e atentar para a relevância de temas que não faziam parte, em profundidade, da minha vida.

"O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário."
(Albert Einstein)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O PAPEL DO ESTADO NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E UMA REVISÃO TEÓRICA DO MODELO DE THIRLWALL	8
2.1 POLÍTICAS INDUSTRIAIS	10
2.2 O MODELO DE THIRLWALL	12
2.3 EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DO MODELO	15
3 ANTECEDENTES AO DESENVOLVIMENTO – DAS ORIGENS ATÉ 1960	17
3.1 FATORES SOCIO-CULTURAIS	17
3.1.1 Fatores Socio-Religiosos	17
3.2.1 Fatores Educacionais	19
3.2 FATORES HISTÓRICOS	20
3 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO PERÍODO DE 1960 AOS ANOS 2000	25
3.1 O DESENVOLVIMENTO SUL-COREANO – UMA VISÃO GERAL	25
FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA BASEADO EM DADOS DO BANCO MUNDIAL E MASIEIRO (2000)	28
3.2 DA IMITAÇÃO À INOVAÇÃO	28
3.3 O DESENVOLVIMENTO NA DÉCADA DE 1960	33
3.4 O DESENVOLVIMENTO NA DÉCADA DE 1970	35
3.5 O DESENVOLVIMENTO NA DÉCADA DE 1980	39
3.6 A DÉCADA DE 90 À 2005, CRISE FINANCEIRA DE 1997 E A RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA SUL-COREANA	42
3.7 POLÍTICAS DE ORIENTAÇÃO PARA AS EXPORTAÇÕES, SUBSTITUIÇÃO ÀS IMPORTAÇÕES E POUPANÇA EXTERNA DURANTE O PERÍODO DE 1961 À 2005 ..	50
4 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico é um fenômeno complexo e envolve aspectos econômicos, políticos, institucionais, sociais, isso tudo acompanhado por atitudes e ideologias, do desenvolvimento de meios de aumentar a produtividade, aumentando com isso o produto para assim gerar transformações estruturais da economia.

A Coréia do Sul, em poucos anos, saiu de uma economia essencialmente agrária que tinha como foco o cultivo de arroz e pesca para uma economia altamente industrializada capaz de produzir bens com alto grau de tecnologia e valor agregado. Seu PIB cresceu cerca de cem vezes em trinta anos, mantendo uma taxa de crescimento médio próximo a 9% ao ano entre 1961 e 1994. Em dezembro de 1997 a Coréia passou por uma forte crise cambial e financeira, e em menos de um ano se recuperou e já em 1999 a taxa de crescimento retornou ao patamar observado antes da crise (YOON E SOUZA, 2001).

O modelo de crescimento sul coreano foi muito eficiente, através de políticas comerciais e industriais, fomentadas e incentivadas pelo governo coreano através de coerção e incentivos. A Coréia do Sul teve um aumento das exportações na ordem de duas mil e quatrocentas vezes, entre 1963 e 1994 e a participação de produtos industrializados aumentaram aproximadamente 6,5 vezes (KIM, 2005, p. 14).

A renda *per capita* coreana era estimada em US\$ 87, em 1962, essa renda aumenta conforme o forte crescimento do país para US\$ 4.936 em 1989 e para aproximadamente US\$ 10.000 em 1994 para 1995 (FLEURY E FLEURY, 1997, p. 106).

O objetivo desta monografia é analisar como se deu o processo de desenvolvimento econômico sul coreano com ênfase no setor externo, do período pós Guerra da Coréia (1953), a recuperação coreana à crise de dezembro de 1997 até 2005.

Para tal o trabalho é dividido da seguinte forma:

O Capítulo I discorre sobre a importância do estado no desenvolvimento econômico, quais políticas foram necessárias para fomentar o crescimento econômico, como os coreanos conseguiram uma intervenção governamental eficiente enquanto outros países em desenvolvimento não conseguiram. Também discorre sobre a relação

do Estado com as *chaebols*. Bem como faz uma revisão teórica do modelo de crescimento no longo prazo desenvolvido por A. Thirlwall em 1979, conhecido como a “Lei de Thirlwall”, essa teoria será a base para analisar o crescimento sul coreano no período de 1960 à 2005.

O Capítulo II faz uma revisão histórica da Coréia, analisando quais foram os fatores culturais, sociais e econômicos antecedentes ao período de forte industrialização do país que foram julgados importantes para explicar o desenvolvimento econômico coreano entre 1962 à 2000.

O terceiro capítulo tem como objetivo, com base nas contribuições de Thirlwall (1979) e Minsky (1986), apresentar algumas considerações sobre o desenvolvimento econômico, fluxo de capitais e instabilidade financeira da Coréia do sul, analisando o processo de industrialização coreano como um todo nas décadas de 60 (manufaturas leves), 70 (desenvolvimento de indústria química e pesada), 80 (liberalização comercial e indústria de alta tecnologia), focando os objetivos dos planos quinquenais de desenvolvimento e, sobre os anos 90 a 2005, enfatizando a crise que se abateu na Coréia em 1997.

2 O PAPEL DO ESTADO NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E UMA REVISÃO TEÓRICA DO MODELO DE THIRLWALL

O Estado coreano foi muito importante para o desenvolvimento do país, foi ele o responsável por formular as políticas necessárias ao crescimento econômico bem como foi o guia do processo. Pode-se considerar o governo sul-coreano como sendo o carro chefe do "milagre coreano".

O governo sul coreano utilizou vários artifícios políticos para incentivar o investimento nas indústrias priorizadas, tais como protecionismo, facilitação de crédito (através da poupaça externa), redução de impostos, a montagem de uma base forte de apoio administrativo e mercadológico às atividades que pretendia prover a exportação. Com isso empresas e conglomerados (os *chaebols*) eram motivados e investiam nos setores julgados importantes pelo governo. Muitas dessas indústrias possuíam economia de escala, isso justifica as políticas governamentais, no âmbito de incentivar a exportação (ALDRIGHI, 1997, p.162).

De acordo com Amsden (1989, p.136), a estratégia do governo coreano para o desenvolvimento foi justamente conseguir uma convergência de interesses entre as *chaebols* e o governo. Ambos assumiam o papel de agentes principais do processo de industrialização tardia sul-coreano. Os fluxos de recursos financeiro, e de capital humano entre as empresas facilitavam a diversificação de atividade não-relacionadas. Foi muito importante a capacidade de ambos em conquistar novos mercados internacionais e, através de investimentos, desenvolver a indústria.

Contudo a internacionalização dos produtos coreanos e a diversificação das atividades dos *chaebol* não seriam tão competentes caso o Estado não patrocinasse (através de subsídios, protecionismo, crédito facilitado) e não fosse tão severo com as empresas no sentido de disciplina e resultados. O governo sul-coreano intermediava a captação de recursos externos e repassava para as empresas a custos subsidiados, com isso foi possível a economia coreana entrar num círculo virtuoso, tais investimentos geravam mais produtividade, que por sua vez gerava ganhos de escala, que assim gerava maior competitividade no cenário internacional, isso aumentava a renda e o

investimento, reiniciando assim o círculo. Devido ao apoio governamental foi possível às *chaebols* crescerem através de altos níveis de endividamento sem que as empresas saíssem da mão do setor privado (AMSDEN, 1989, p. 128).

O papel do governo na industrialização sul-coreana é complexo, por muitos anos o governo coreano adotou um conjunto de instrumentos políticos para facilitar o aprendizado tecnológico e fortalecer a competitividade internacional. Uma das características mais fortes do processo de industrialização sul-coreana é seu governo, forte e dirigente, seu papel foi de conduzir o processo e de fornecer os meios para que a industrialização ocorresse.

É importante comentar como o governo sul-coreano conseguiu se tornar tão forte. Quando o General Park assumiu a presidência em 1961, seu objetivo principal era de industrializar a Coréia, que era uma economia essencialmente de agricultura de subsistência. Para atingir seus objetivos Park criou um governo altamente centralizado, capaz de planejar e executar programas de desenvolvimento ambiciosos. O governo era forte o suficiente para conceder projetos industriais e comerciais para empresas e determinar os rumos da industrialização. Os bancos comerciais foram nacionalizados, e tiveram o objetivo de garantir recursos de acordo com as prioridades nacionais. Para acelerar o processo de industrialização, Park, levantou uma quantidade considerável de recursos provenientes de empréstimos internacionais, uma vez que esperar a poupança interna se formar seria muito demorado (KIM, 2005, p.46).

Um fato interessante sobre um dos meios que o governo utilizou para consolidar o poder foi como as acusações de acumulação ilegal de riqueza foram tratadas. O governo prendeu treze diretores de grandes *chaebols* sob a acusação de acumulação ilícita de riquezas, durante os anos de 1948 a 1960 (governo de Rhee), logo após liberou a maioria dos diretores que tinham concordado em empreender de próprio bolso em projetos industriais que o governo julgava importante (KIM, 2005, p.49).

A tomada de decisões centralizada pelo presidente era eficaz quando comparada à outros países em desenvolvimento, isso devido à tecnocratas competentes que formulavam e executavam os programas de desenvolvimento. A tradição confuciana, que mereciam mais respeito as pessoas instruída do que os agricultores, artesãos e comerciantes, e o funcionalismo público acima de todos,

contribuía para atrair os jovens formados nas melhores universidades para trabalhar no setor público, apesar da baixa remuneração.

Por fim, a Coréia pode aproveitar ao máximo o aprendizado da experiência japonesa, os líderes políticos coreanos dominavam bem o idioma japonês e haviam adquirido conhecimentos sobre o sistema social e cultural do Japão, durante o período de ocupação japonesa (1910 à 1945). O próprio presidente havia sido treinado na Academia Militar do Japão e muitos de seus conselheiros também tinham sido instruídos no território japonês. Em 1990 os estudantes coreanos representavam aproximadamente 70% de todos os secundaristas não nativos do Japão aprendendo o idioma japonês de todo o mundo (KIM, 2005, p. 49).

2.1 POLÍTICAS INDUSTRIAIS

A “orientação desenvolvimentista” da Coréia foi imprescindível para o processo de industrialização. Para criar condições favoráveis ao crescimento da indústria, o governo coreano utilizou-se de instrumentos políticos diretos e indiretos para definir as metas de crescimento das empresas. Esses instrumentos eram constituídos por: primeiro, promoção deliberada de grandes empresas como propulsoras do aprendizado tecnológico, por meio de subsídios e incentivos. Segundo, a promoção de uma industrialização voltada à exportação. Terceiro, havia apoio aos ramos tecnologicamente mais avançados da indústria química e pesada. Por fim a repressão dos movimentos trabalhistas para manter a paz industrial (KIM, 2005, p. 49-50).

Para superar o fato da Coréia ter um mercado interno pequeno, e para aproveitar as tecnologias maduras, o governo coreano criou conglomerados de empresas que ficou conhecido como *chaebols*, assim seria possível obter ganhos de escala e se tornarem mais competitivos. O governo apoiou a formação de capital e a diversificação das *chaebols*. Foram vendidos, sob condições favoráveis, empresas estatais e propriedades japonesas para empreendedores locais. Todos os bancos comerciais foram incorporados pelo governo, assim haveria fluxo de divisas estrangeiras às

chaebols e os juros cobrados nos empréstimos eram de metade do valor da taxa de juros recorrente no mercado. O governo também ajudou as *chaebols* a conseguirem empréstimos estrangeiros. A dívida externa resultante da desvalorização da moeda com a entrada de divisas estrangeiras era compensada pelos baixos juros (KIM, 2005, p. 50).

Essas políticas tiveram como resultado um rápido crescimento desses *chaebols*, e estes passaram a dominar o mercado coreano. Em 1993 vários *chaebols* (como a Samsung, Hyundai, LG, dentre outras), apareceram na revista *Fortune*, entre as cem maiores empresas do mundo, se tornando corporações internacionais (KIM, 2005, p. 50).

Contudo o governo praticava “recompensa para os vencedores e penalização para os perdedores” (IDEM, 2005, p.51). As empresas que apresentavam bons desempenhos recebiam mais concessões para que continuassem crescendo, assim elas poderiam participar de empreendimentos de risco, nos setores industriais mais lucrativos. Já as empresas que não atingissem as metas definidas não recebiam auxílio algum do governo, então, mesmo empresas grandes em setores industriais que fossem mal administradas, o governo preferia deixá-las falir e ajudar outra *chaebol* melhor administrada entrar naquela ramo.

O presidente Park exigia que os projetos fossem finalizados no prazo determinado, uma vez que o crédito era garantido. Ele pessoalmente acompanhava o desenvolvimento de todos os projetos importantes, tanto públicos quanto privados. (IDEM, 2005, p. 51).

O rápido crescimento e diversificação das *chaebols* influenciaram decisivamente nos resultados da industrialização. Em 1977, 93% de todas as mercadorias e 62% de todas as vendas foram produzidas em situação de monopólio ou oligopólio. Os dez principais *chaebols* foram responsáveis por quase metade do produto nacional bruto sul-coreano em 1980 (IDEM, 2005, p.52).

Ao analisar mais detalhadamente o processo de desenvolvimento econômico coreano (detalhado no capítulo III) pode-se verificar que as principais políticas eram voltadas ao setor externo, com políticas que visavam a industrialização via promoção das exportações. Assim o país poderia manter taxas consideráveis de crescimento no

longo prazo, controlando as transações correntes. Thirlwall, em seu modelo de 1979, parece ter decifrado o “caminho” percorrido pelos sul-coreanos, mesmo que o estudo de Thirlwall não tenha sido baseado necessariamente na experiência da Coreia.

2.2 O MODELO DE THIRLWALL

De acordo com a literatura keynesiana, a demanda é considerada como fator fundamental na determinação do crescimento econômico de um país. A partir dessa premissa, o modelo de crescimento de Thirlwall (1979) foi criado com o intuito de se analisar a importância da demanda na determinação do crescimento econômico nos diversos países. Anthony Thirlwall desenvolveu um modelo de crescimento econômico que relaciona o crescimento econômico com as taxas de crescimento da demanda, principalmente as exportações. O modelo afirma que a principal restrição sobre a demanda agregada está relacionada ao balanço de pagamentos, se este for mantido em equilíbrio é possível para a economia crescer de maneira sustentável, no longo prazo.

Segundo o modelo, nos países periféricos, a maior restrição sobre a taxa de crescimento da demanda provém do balanço de pagamentos (a relação entre exportações e importações), a restrição externa tem importância fundamental no crescimento econômico de países como a Coreia do Sul e o Brasil. É comum os países em desenvolvimento estarem especializados na exportação de bens primários, ou bens menos elaborados tecnologicamente, com isso tendem a ter uma restrição em seu crescimento, se relacionado à países mais industrializados, por causa do desequilíbrio no seu balanço de pagamentos devido à deterioração dos termos de troca entre os bens primários e industrializados (VIEIRA E HOLLAND, 2006)

Para Thirlwall (1979), como visto anteriormente, a restrição ao crescimento de uma economia é determinada pelo equilíbrio do balanço de pagamentos porque, considerando que déficits comerciais não são automaticamente corrigidos pela variação das taxas de câmbio e que esses desequilíbrios não podem ser financiados indefinidamente, Thirlwall concluiu que a insuficiência de divisas cambiais estabelece

um limite para a taxa de crescimento da demanda agregada, com isso, para o crescimento econômico de longo prazo (THIRLWALL, 2005, p.92).

O modelo original de Thirlwall considera o balanço de pagamentos como sendo igual ao equilíbrio em transações correntes, no longo prazo. Em 1982 Thirlwall e Hussain introduziram o fluxo de capital no modelo, tal alteração é bastante significativa pois esses fluxos apresentam maior importância que as transações de mercadorias, e se mostraram fonte do aumento nas volatilidades do câmbio e juros devido à sua oscilação (VIEIRA E HOLLAND, 2006).

Segundo o modelo, a taxa de crescimento de equilíbrio no longo prazo tem uma relação direta com a razão da taxa de crescimento das exportações e a elasticidade-renda de sua demanda por importação. Ou seja, a taxa de crescimento parte de um desequilíbrio inicial na conta corrente.

Pode-se também expressar o modelo algebricamente. Segundo Thirlwall (2005, p. 89-103), o modelo de crescimento conhecido como “Lei de Thirlwall”, pode ser expresso da seguinte forma:

A equação de demanda por exportações é representada por:

$$x = \eta(p_d - p_f - e) + \varepsilon(z) \quad (1)$$

sendo que x é a taxa de crescimento das exportações, η (<0) representa a elasticidade-preço da demanda por exportações, o valor de η é menor que zero. ε (>0) é a elasticidade renda da demanda por exportações, z é a taxa de crescimento da renda mundial, e é a taxa de câmbio e $(p_d - p_f)$ representa a taxa de crescimento dos preços domésticos e externos relativamente, respectivamente.

E a função de demanda por importações é dada da seguinte forma:

$$m = \psi(p_f - p_d + e) + \pi(y) \quad (2)$$

onde m é a taxa de crescimento das importações, ψ é a elasticidade-preço da demanda por importações ($\psi < 0$), y é a taxa de crescimento da renda nacional, π (>0) é a elasticidade-renda da demanda por importações, e é a taxa de câmbio e

$(p_{\sigma}-p_f)$ representa a relação da taxa de crescimento dos preços domésticos e externos, respectivamente.

Assim a condição de equilíbrio do balanço em conta corrente se dá quando a demanda por exportações e a demanda por importações são iguais:

$$pd+x=pf+m \quad (3)$$

Thirlwall e Hussain (1982) , ao introduzir os fluxos externos de capital ao modelo consideraram que déficits em conta corrente podem ser financiados pela entrada de capitais sem comprometer o equilíbrio da balança de pagamentos. Se resolver a equação para taxa de crescimento real e substituir a taxa de crescimento da renda mundial (z) da equação da demanda por exportações teremos a equação que relaciona a taxa de crescimento da renda com o equilíbrio do balanço de pagamentos:

$$Y_b=[(1/\pi)(1-\psi)](p_{\sigma}-p_f) + (1/\pi)x \quad (4)$$

Mesmo após a inserção do fluxo de capitais ao modelo original, Thirlwall acredita que o crescimento de longo prazo não é muito diferente da razão entre a taxa de crescimento das exportações e a elasticidade-renda da demanda por importação (VIEIRA E HOLLAND, 2006).

Então, supondo que os termos de troca são constantes, e se os fluxos de capitais não exercerem influência na taxa de crescimento (modelo original de Thirlwall) a equação (4) poderá ser simplificada para:

$$Y=Y_b=x/\pi=(1/\pi)x= (\varepsilon/\pi)z \quad (5)$$

Ou seja, a taxa de crescimento da renda é igual razão entre a taxa de crescimento das exportações e a demanda-renda por importações (THIRLWALL, 2005, p. 92).

2.3 EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DO MODELO

O crescimento diferenciado se deve à dinâmica das elasticidades-renda da demanda. A demanda efetiva delinea os limites da expansão econômica, já que a relação entre as elasticidades-renda das exportações e das importações determinam Y_b . As características de oferta dos bens (a qualidade ou o grau de sofisticação técnica, dentre outras) determinam as elasticidades-renda relativas.

Atesoglu, em 1993, primeiramente considerou que não podia-se aceitar as provas empíricas da Lei de Thirlwall porque é possível que estas sejam válidas apenas para os períodos que analisam, e não de modo geral. Para analisar tal consideração, ele calculou a Lei de Thirlwall em 21 subperíodos, de 1955 a 1990, para a economia norte-americana. Os resultados foram: primeiro, P_d e P_f tiveram um comportamento estável se medidos numa moeda comum, de forma que ao serem excluídos da equação não causam distorções no modelo. Segundo, os subperíodos em que $Y > Y_b$ coincidiram com os subperíodos quando as exportações reais líquidas eram negativas, e $Y < Y_b$ quando os Estados Unidos passavam por recessões econômicas ou quando a política macroeconômica era restritiva. Por fim os resultados revelaram que a Lei de Thirlwall explicou a evolução da economia norte-americana durante o período (THIRLWALL, 2005, p.98).

Um outro estudo realizado pelo mesmo Atesoglu em 1997, tendo modificado um pouco a forma de calcular a Lei de Thirlwall, e calculado-a para o período de 1929 à 1994 chegou a conclusão que as exportações reais e a renda real tiveram cointegradas no período de 1931 a 1994, confirmando a Lei de thirlwall como trajetória seguida pela economia estadunidense (THIRLWALL, 2005, p.98).

Outros estudos semelhantes foram realizados em outros países. Bianchi (1994), encontrou uma relação entre a dinâmica da conta corrente com a taxa de crescimento da Itália de 1960 à 1991. Bairam e Ng, em 2001, encontraram validade na aplicação da Lei de Thirlwall para a Nova Zelândia, Canadá e Reino Unido, no período de 1973 à 1995 (THIRLWALL, 2005, P.100).

Para uma análise empírica do desenvolvimento coreano, é necessário verificar se o Produto e as Exportações para a Coréia do Sul compartilham uma relação de longo prazo, no gráfico 1, fazendo uma análise gráfica superficial pode-se perceber que há uma relação positiva entre o aumento das exportações e o aumento do PIB *per capita* sul-coreano.

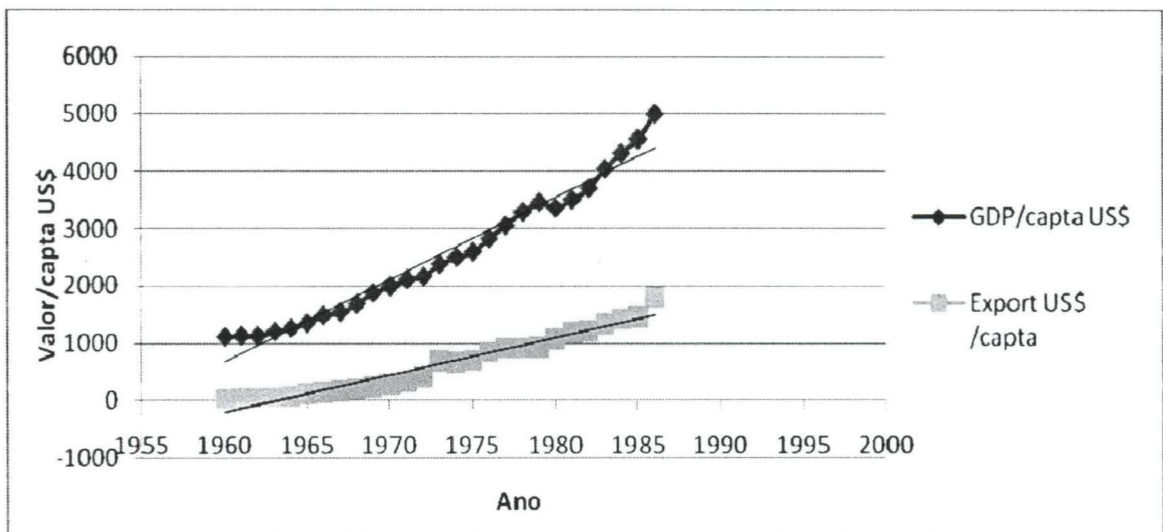


GRÁFICO 1 – RELAÇÃO VARIAÇÃO DO PRODUTO E EXPORTAÇÕES (PER CAPITA)
FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA COM DADOS DO BANCO MUNDIAL

3 ANTECEDENTES AO DESENVOLVIMENTO – DAS ORIGENS ATÉ 1960

O desenvolvimento econômico sul-coreano esteve ligado não apenas às políticas adotadas pelo governo a partir de 1961, grande parte do potencial desse desenvolvimento estava intrínseco na cultura do povo. Fatores sociais e religiosos, principalmente a cultura confucionista e à importância que dão à educação.

3.1 FATORES SOCIO-CULTURAIS

A cultura foi muito importante para o desenvolvimento sul-coreano, pois foi responsável por ter “criado” um povo trabalhador, muito disciplinado e espiritualizado. Esses fatores possibilitaram um resultado mais eficiente das políticas que o governo sul-coreano implementaria a partir de 1961.

3.1.1 Fatores Socio-Religiosos

A Coreia do Sul tem uma história com mais de dois mil anos, uma história cheia de guerras (invasões), uma longa tradição e conquistas científicas, como a imprensa e a cerâmica coreana, contudo tanto antigamente quanto no presente a Coreia baseava-se em tecnologias importadas, principalmente em tecnologia e cultura chinesa.

A adoção de modelos baseados em instituições chinesas, tanto governamentais quanto educacionais, acabou por estimular a cultura confucionista no país. Um exemplo é o *T'aehak* foi a primeira instituição educacional coreana, suas bases foram inspiradas no modelo chinês e surgiu para treinar os futuros líderes coreanos, o *T'aehak* foi fundado em 372 d.C. e permaneceu ativo por quase mil e quinhentos anos (KIM, 2005, p.21).

O Confucionismo prega a harmonia, o respeito pelos antecedentes e a sabedoria, esses pilares são importantes para entender um dos fatores que permitiu a Coreia do Sul se desenvolver tão rapidamente. Pois esse princípio tornou a sociedade coreana muito disciplinada quanto ao trabalho e estudo. Após a Guerra da Coreia, o povo coreano queria sair da pobreza e isso gerou uma situação em que a Coreia podia usufruir de mão de obra barata e com alta escolaridade (KIM, 2005, p.27) pois sabiam que se o país como um todo se desenvolvesse, o indivíduo seria beneficiado.

Segundo a Associação de Medicina Tradicional Chinesa (AMTC), o confucionismo é uma filosofia e ideologia política, social e religiosa do pensador Kung Fou Tseu (Confúcio) do século IV a.C. Nessa filosofia não há um deus criador, nem uma igreja, a base religiosa do Confucionismo é a busca pelo *Tao*, a harmonia do mundo. Para Confúcio a base para a felicidade é a família e uma sociedade harmônica. A sociedade e a família seguem o mesmo princípio, os governantes devem se importar com a sociedade como um pai de família.

A ética confucionista tradicional tem sido misturada e modificada pela ética cristã, formando uma nova ética, formada de valores coletivamente orientados dos asiáticos com os valores orientados com objetivos econômicos ocidentais. Essas orientações alteraram os princípios tradicionais de ordenamento social uma vez que, antes, os comerciantes e industriais ocupavam a última posição social, agora, homens de negócio e engenheiros prosperaram na nova sociedade industrial (MASIEIRO, 2000)

Há muitos cristãos na Coreia, a maioria deles é protestante, a ética protestante vê o indivíduo como uma entidade isolada, considerado como uma força na estruturação da sociedade, já a ética de Confúcio vê o indivíduo como centro dos relacionamentos, essa mistura cria uma nova visão do indivíduo, com um novo tipo de espírito empreendedor e novos estilos de administração. (MASIERO, 2000, p.4).

Tanto para a consciência confucionista quanto cristã foram analisadas as óticas dos direitos e obrigações. Para Wei-ming (1984) a cultura ocidental é pouco ritual, ou seja, o comportamento normativo é relativamente subdesenvolvido se comparado à uma cultura muito ritual (asiática). O que é visto como comportamento social correto numa cultura pouco ritual costuma ser ambíguo e há um alto nível de tolerância e pouca padronização de comportamentos, isso resulta na existência de um dilema do indivíduo

quanto aos seus limites. Em contra partida, numa cultura altamente ritual, como a asiática, a maioria das interações humanas seguem um padrão. Como esse padrão é intrínseco no indivíduo, este não o percebe em seus comportamentos. Esses padrões de comportamento (muito ou pouco ritual) pode ser associado com os dois tipos de ética mencionados anteriormente (cristã ou confucionista, respectivamente) (MASIEIRO, 2000)

Contudo as éticas religiosas por si só não podem explicar o desenvolvimento econômico de nenhuma nação. Amsden (1989, p. 217) diz que países em processo de industrialização tardia tendem a promover maiores facilidades de acesso a educação em massa, é importante enfatizar o processo educacional da Coreia do Sul, que foi muito proeminente. Mesmo entre os países com industrialização tardia (países como Singapura, Argentina, Brasil, Índia, Turquia e México), a Coreia tende a ter os melhores índices de educação quando padronizados pelo tamanho da população: quantidade de alunos secundaristas, engenheiros e cientistas *per capita*.

3.2.1 Fatores Educacionais

Somente o investimento em educação não foi suficiente para fomentar o processo de desenvolvimento econômico coreano. a assistência técnica japonesa adquirida contribuiu para tal processo.

O percentual do orçamento total do governo coreano destinado para a educação cresceu de 2.5% em 1951. para 17% em 1966 e. 1995, representava 23%, isto reflete o forte compromisso da sociedade coreana para com a educação, sendo que, na década de 80 a taxa de alfabetização beirava os 100%. No ensino superior, na década de 70, aproximadamente 10% dos jovens (de 18 a 25 anos) estavam cursando, em meados da década de 90 esse número aumentou para 70%. O que diferenciou a Coreia do Sul de outros países que também apresentaram alto crescimento educacional, foi o fato da expansão da educação se dar de maneira a suportar as exigências dos diferentes níveis de desenvolvimento. por exemplo. várias empresas coreanas possuem suas próprias

escolas, e, desde 1974, o governo tornou compulsório o treinamento de funcionários em empresas com mais de 300 trabalhadores, e a partir de 1992 essa obrigação se amplia a empresas com mais de 150 empregados. (MASIERO, 2000, p. 7)

3.2 FATORES HISTÓRICOS

Em 1910 o Japão ocupou a Coreia e a integrou em seu território até 1945, nesse período a economia coreana se tornou extremamente dependente da economia japonesa. Do total de capital autorizado para negócios na Coreia cerca de 94% era japonês. Aproximadamente 80% dos engenheiros e técnicos empregados em manufaturas e construção civil em 1944 eram japoneses. Nas indústrias metalúrgica e química a proporção de engenheiros e técnicos coreanos era de aproximadamente 10%. Apenas cerca de 10% dos negócios nos ramos metalúrgico e químico eram de propriedade de coreanos, e 25% dos negócios da indústria maquinária (C.R. FRANK, K. S. KIM & L. E. WESTPHAL, 1975, p. 6).

A educação moderna foi inicialmente introduzida na Coreia por missionários americanos, no entanto o modelo educacional foi alterado quando o Japão agregou a Coreia, durante o domínio colonial japonês os coreanos tiveram sua educação limitada ao ensino fundamental, para que se tornassem súditos e fossem treinados apenas para funções subordinadas na indústria e na agricultura. Poucos coreanos foram além do limite estipulado pelos japoneses. Em 1945, apenas 2% da população coreana com idade acima de 14 anos haviam completado o ensino médio e a taxa de analfabetismo atingia 78% (KIM, 2005, p. 25).

Chegado o fim da Segunda Guerra Mundial, o Japão, derrotado, perdeu todas as suas áreas de exploração colonial. A Coreia era uma dessas áreas e, com a intervenção do exército americano e soviético, foi livrada do domínio nipônico. A Coreia foi dividida em dois territórios pelo Paralelo 38°, ao norte era a Coreia controlada pela União Soviética, ao sul era controlado pelo capitalismo americano. Como acontecia na Europa (principalmente na Alemanha pós Segunda Guerra Mundial) os regimes

socialista e capitalista mediam forças para definir qual era mais forte, essa polarização política e ideológica causou o início da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética (de 1945 a 1991) (BRASILESCOLA.COM).

Com o término da Segunda Guerra Mundial e com o início da Guerra Fria Estados Unidos surgem como defensores da democracia e intervêm na recém libertada e dividida Coréia, mais precisamente na Coréia do Sul. Para entender a futura industrialização que a economia sul-coreana experimentaria em alguns anos é necessário entender três políticas americanas explicadas por AMSDEN (1989, p. 36-38) implementadas no país. Primeiramente a ocupação americana decidiu aliar-se com o partido conservador, o Partido Democrático Coreano (PDC), este não possuía muita base para o poder, então para conseguir maior popularidade, o PDC se auto descrevia como sendo um grupo de “notáveis patriotas de vários círculos e camadas sociais”. promoveu a paz mundial e a cultura nacional, o melhoramento da qualidade de vida dos trabalhadores e a reforma agrária. O PDC conseguiu popularidade exterminando os grandes latifundiários, reformando os sistema administrativo e industrial (atacando os donos privados de indústrias), cortando os poderes dos coreanos sob influência japonesa. O PDC saiu do poder alguns anos após, contudo o anticomunismo do PDC (herdado dos americanos) ficou presente nos regimes futuros. Quando a Junta Militar tomou conta em 1961 (com a entrada do general Park Chung-hee) mesmo que algumas políticas podiam ser associadas ao regime socialista a ideologia política principal era anticomunista, e essa ideologia guiou o desenvolvimento industrial coreano.

Em segundo lugar, a ocupação americana fomentou a reforma agrária em resposta a demanda dos camponeses, famintos, tal reforma fora feita anteriormente por japoneses e agora levada adiante, a terra foi redistribuída aos lavradores. contudo essa reforma nunca enriqueceu os camponeses e nem encheu os cofres do governo com impostos. A reforma redirecionou capital da especulação de terra para a manufatura. Também aumentou a oferta de alimentos, freou as pressões inflacionárias desse item e tornou mais igual a distribuição de renda. Com isso o terreno político-social estava pronto para um poder centralizado forte.

Finalmente, durante a Guerra da Coréia, o exército americano apoiou o exército coreano, em 1950, o exército sul-coreano era muito pequeno e. ao final da guerra. o

exército contava com aproximadamente 600.000 homens bem equipados e treinados, o quarto maior exército fora da esfera soviética.

Nesse mesmo período, entre 1945 e 1953, segundo Kim (2005, p. 22), aconteceram três fatos que impediram o desenvolvimento econômico da Coreia. Primeiro o caos político que se deu quando o Japão se retirou do território coreano devido à rendição aos Estados Unidos. Uma parte significativa do capital físico deixou de ser utilizado, e quando era utilizado era de forma ineficiente devido à falta de administração e técnicos, em 1948 o número de empregos na Coreia havia caído 41% e os números da indústria de transformação civil declinaram mais de 50%. Um exemplo disso é que os japoneses haviam deixado na Coreia um estaleiro com quatro navios de pequeno porte inacabados, foram necessários quase uma década para que os coreanos conseguissem adquirir conhecimentos para saber o que poderiam ser feitos com os navios, quando isso aconteceu os navios tiveram que ser sucateados devido à ferrugem.

Segundo, a separação da Coreia gerou sérios problemas econômicos tanto para a Coreia do Sul quanto para a do Norte, a Coreia do Sul possuía cerca de 66% de toda a população coreana e da produção agrícola, mas aproximadamente 90% da capacidade energética e 75% da produção e extração de minérios de ferro e carvão ficaram no território do norte. Na indústria a Coreia do Sul conseguiu conservar poucos ramos além da indústria têxtil, já a Coreia do Norte ficou com a maior parte da indústria metalúrgica e química. A inesperada divisão do país somado a saída de capital humano japonês (técnicos, empresários e gerentes) e a interrupção de suprimento de produtos intermediários causaram uma grave queda no nível de produção industrial sul-coreano para aproximadamente 15% dos níveis observados em 1939.

Terceiro, em 1950 começou a Guerra da Coreia, esta guerra durou até 1953 e se mostrou a maior tragédia para o crescimento coreano. A guerra destruiu consumiu a maior parte do capital físico (aproximadamente 44% das instalações industriais e infraestrutura) que a Coreia herdara dos japoneses e mais de um milhão de civis foram mortos. Os prejuízos alcançaram cerca de US\$3 bilhões. As exceções ao atraso no desenvolvimento foram justamente a reforma agrária, fomentada no final da década de 40, e o uso em larga escala de fertilizantes químicos, os coreanos utilizavam

aproximadamente 20 quilos de fertilizantes por hectare em 1930 e passaram a utilizar 100 quilos por hectare ao final da década de 40.

Em 1953, no ano em que foi assinado o armistício, o produto líquido *per capita* teve uma redução de 44% em relação a 1940. Neste mesmo ano, a agricultura, silvicultura e a indústria pesqueira eram responsáveis por quase metade do PNB total, a indústria de transformação era de menos de 8%. O total de investimento fixo mal cobria a depreciação do estoque de capital social contando ainda que aproximadamente 90% desse investimento foi financiado pela ajuda externa. (KIM, 2005, p. 24)

A Coréia saiu da guerra com uma economia prejudicada e baseada no primeiro setor, o sistema fiscal e financeiro da Coréia havia sido criado pelos japoneses e com sua saída foram apropriadas pelos coreanos, no entanto as atividades financeiras no país caiu, segundo um estudo de 1975 feito por Charles R. Frak, Kuang Suk Kim e Larry E. Westphal denominado *Foreign Trades Regimes and Economic Development: South Korea*, o país não dispunha de mercado de capitais e nem de meios de mobilizar a poupança, a maior parte das transações eram feitas através de dinheiro. Uma parte significativa do giro de mercadorias e serviços não envolvia o uso de dinheiro, mas assumia a forma de transações de permuta e pagamentos em espécie (IDEM, 2005).

Apesar dos aspectos econômicos negativos gerados pela Guerra da Coréia, ironicamente a guerra também gerou impactos positivos para o desenvolvimento sul-coreano, quando transformou a sociedade de rígida em uma sociedade flexível e bastante adaptativa, com alta mobilidade geográfica e contribuiu para formação de habilidades na força de trabalho masculina, quando a maioria dos homens prestaram serviços militares compulsórios (KIM, 2005, p. 25).

Segundo Fleury & Fleury (1997, p.108), a partir de 1953, projetos de substituição de importação foram fomentados por empresários privados. Vários grandes conglomerados surgiram ou intensificaram suas atividades nessa época. Por exemplo a Samsung, fundada em 1938, era voltada ao comércio de pescados e produtos agrícolas com a China e Japão, no período pós guerra passou a comercializar açúcar e algodão. A KIA produzia partes de bicicletas até 1952, e então passou a produzir a bicicleta inteira. A Hyundai foi fundada em 1946, na década de 50 produzia viaturas. A LG foi

inicialmente batizada de GoldStar (nome da empresa até 1995) e produzia produtos eletrônicos, em 1958, rapidamente se tornou uma potência.

Após a guerra iniciou-se um período de reconstrução da Coreia (entre 1953 e 1960), com ajuda principalmente dos Estados Unidos. A ajuda norte-americana de 1953 a 1958 foi de US\$270 milhões (US\$12 por ano por habitante), esse valor excluindo a assistência militar prestada pelos americanos aos coreanos. Essa ajuda representou aproximadamente 15% do produto nacional bruto e mais de 80% da ajuda externa. Para aumentar a entrada da ajuda externa, a política monetária reduziu as taxas de juros, valorizou o Hwan sul-coreano, geraram um déficit orçamentário através de empréstimos com o Banco Central quando as ajudas externas não eram suficientes. Isso gerou um *gap* financeiro interno entre as transações governamentais e as transações privadas, e um *gap* financeiro externo entre a demanda de importação e a oferta de divisas estrangeiras. (IDEM, 1997, p.109)

A ajuda forneceu a base para o crescimento a partir de 1962, no entanto uma auditoria que o governo realizou em 1961 concluiu que foram desviados cerca de US\$140 milhões durante a primeira república (de 1948 a 1960 com o governo de Syngman Rhee), isso representa mais da metade de toda a ajuda americana ao país entre 1953 e 1958.

Syngman Rhee foi eleito presidente em 1948 e reeleito em 1952, 1956 e 1960. Esse período ficou conhecido como “a primeira república da Coreia”. Em abril de 1960 um estudante protestava contra uma suposta fraude nas eleições, a polícia matou esse estudante e jogou seu corpo ao mar, esse fato provocou uma revolta dos estudantes por todo o país, quando Rhee pediu ajuda aos militares americanos estes agiram de forma passiva, pois as atitudes de Rhee haviam também desagradado aos americanos. Então com a revolta Rhee foi obrigado a abandonar o cargo de Presidente. (AMSDEN, 1989, p. 43)

Em 1961 o novo presidente era o General Park Chung-hee, com um governo militar forte e centralizado a Coreia realizou reformas estruturais, administrativas e industriais, o resultado dessas reformas foi uma industrialização acelerada que ocorre até os dias atuais.

3 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO PERÍODO DE 1960 AOS ANOS 2000

O período de crescimento coreano será dividido em quatro subperíodos, os anos 60, anos 70, anos 80 e anos 90 a 2005. Para expor uma visão geral do desenvolvimento, e uma análise por subperíodo e os planos econômicos deles, será exposto as fases dos Planos Quinquenais para o Desenvolvimento Econômico, a base política e econômica do milagre coreano em cada subperíodo. Atentando às características principais do modelo desenvolvido por Thirlwall coincidentes com o modelo de crescimento adotado no país.

3.1 O DESENVOLVIMENTO SUL-COREANO – UMA VISÃO GERAL

Após a Guerra da Coreia, a Coreia do Sul era um dos países mais pobres do mundo, durante 1953 a 1961 a economia coreana experimentava uma recuperação econômica muito “tímida” e era muito dependente da economia norte-americana, sua base de desenvolvimento econômica era focada em políticas de substituição às importações e um considerável investimento em educação. O desenvolvimento sul-coreano, a partir de 1962, se dá principalmente com políticas de industrialização através da promoção de exportações, ou seja, os planos de desenvolvimento coreanos tiveram por objetivo a industrialização do país, mas a principal forma de alcançar esse desenvolvimento foi através de políticas públicas que visavam promover as exportações do país, e, Thirlwall (2005, p.83-109), conseqüentemente aumentar a renda.

A industrialização coreana originou-se principalmente da imitação, esta, não requer investimento em P&D, requer apenas um pouco de aprendizagem pois, para imitar as empresas não precisam gerar novos conhecimentos, apenas utilizar os conhecimentos gerados por terceiros. Alguns tipos de produtos podem ser facilmente imitados, através do processo de engenharia reversa, no entanto também há produtos

que a imitação somente é possível através da transferência de tecnologia do próprio criador do produto para os imitadores. (KIM, 2005, p. 27-30)

No gráfico 2 abaixo, tem-se o comportamento do PIB no período de 1954 à 1994, o único ano com crescimento negativo (aproximadamente 5%) foi o ano de 1980, quando uma série de fatores internos causaram um desequilíbrio interno no país. Tal desequilíbrio também pode ser percebido no balanço das transações correntes (gráfico 2), que teve uma grande queda nesse período.

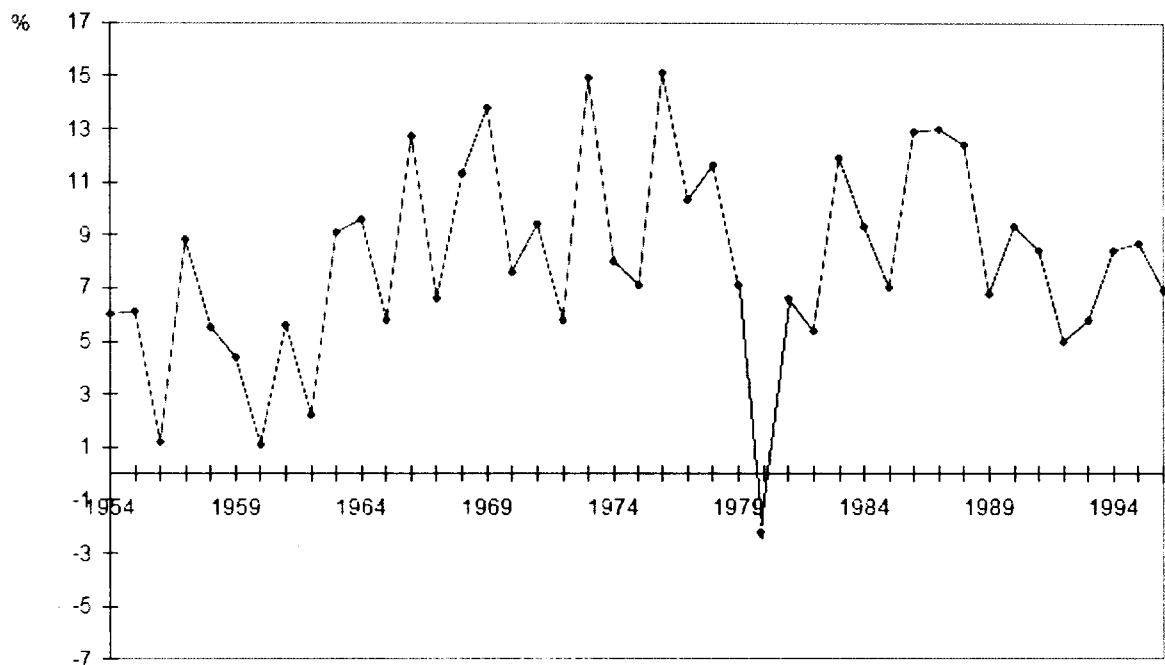


GRÁFICO 2 – TAXA DE CRESCIMENTO DA CORÉIA DO SUL (PNB, %)
 FONTE: BANK OF KOREA, ECONOMICS STATISTICS YEARBOOK

Segundo o modelo de Thirlwall, é preciso um controle nas transações correntes, ou seja, controlar todas as trocas que a economia faz com o mundo. O gráfico 3 é um comparativo do balanço em transações correntes da Coreia do Sul e do Brasil, nos anos de 1975 à 2005, já que dados anteriores a 1975 são inexistentes para ambos os países.

Percebe-se que a Coreia tem muito mais controle das transações correntes que o Brasil, se somarmos as áreas positivas e negativas de ambas as linhas em relação com a linha de 0% (quando o saldo é zero) podemos perceber que a área positiva é muito

maior no gráfico da Coréia que no gráfico do Brasil, ainda que em 2005 o saldo de ambos os países tenham convergido. Isso porque o déficit em transações correntes sul-coreano era devido ao financiamento externo para a variável investimento da demanda agregada, enquanto no Brasil o déficit era devido à variável consumo.

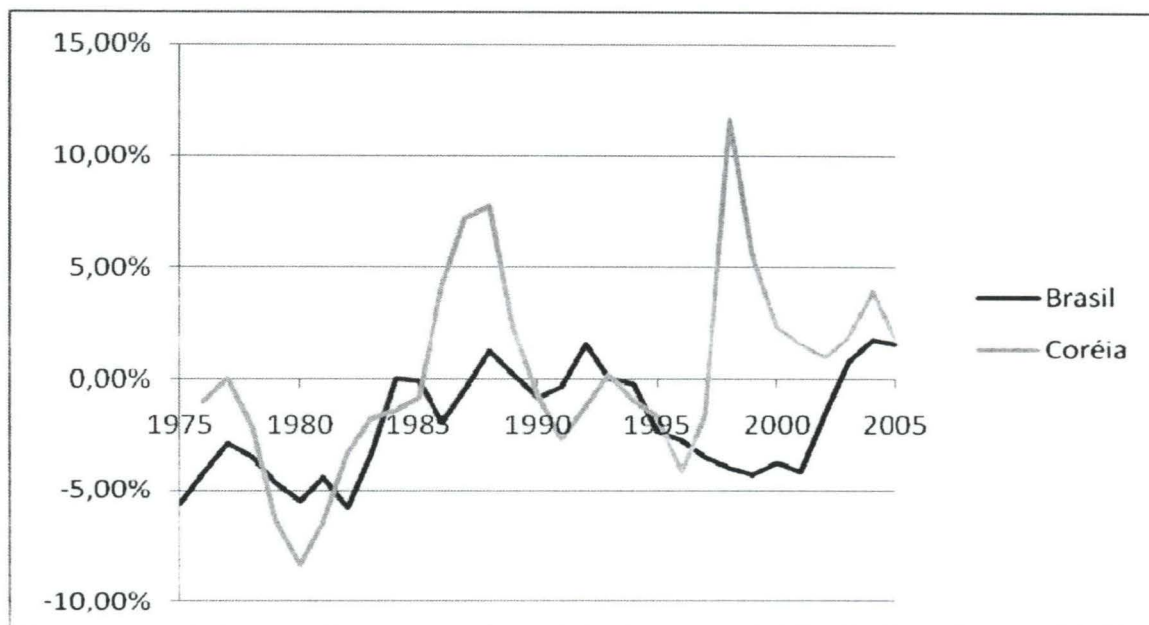


GRAFICO 3 - BALANÇO DAS TRANSAÇÕES CORRENTES (BRASIL E CORÉIA) DE 1975 A 2005
 FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA COM BASE EM DADOS DO WORLD BANK

MASIERO (2000, p.10-17) descreve os objetivos dos cinco Planos Quinquenais de Desenvolvimento Econômico (PQDE) criados a partir de 1962, os quais definiriam as estratégias e políticas de desenvolvimento, como quais ramos seriam beneficiados, metas relativas ao crescimento das exportações, investimentos e da produção.

No quadro 1 podemos ver que o crescimento econômico coreano no período que compreende os cinco PQDE foi considerável, aproximadamente 9% ao ano em média. Basicamente os planos visavam aumentar a capacidade de exportação do país, com isso haveria um desequilíbrio da balança comercial (sendo as exportações maiores que as importações) como a elasticidade-renda de importação da Coreia no país é pequeno, o resultado foi perfeitamente de acordo com o esperado segundo a Lei de Thirlwall.

PLANO	TAXA	ANOS					MÉDIA (%)
		1962	1963	1964	1965	1966	
PRIMEIRO PQDE	PREVISTA (%)	5.7	6.4	7.3	7.8	8.3	7.1
	EFETIVA (%)	2.2	9.1	9.6	5.8	12.7	7.88
	EXPORTAÇÃO (%)	-8	0	30	56	33	22.13
SEGUNDO PQDE		1967	1968	1969	1970	1971	
	PREVISTA	9	8.5	8.5	8.5	8.6	8.62
	EFETIVA	5.8	14.9	8	7.1	13.6	9.88
TERCEIRO PQDE		1972	1973	1974	1975	1976	
	PREVISTA	10	9	9	9	9.2	9.24
	EFETIVA	10.3	11.6	6.4	-6.2	6.6	5.74
QUARTO PQDE		1977	1978	1979	1980	1981	
	PREVISTA	10	9	9	9	9	9.2
	EFETIVA	10.3	11.6	6.4	-6.2	6.6	5.74
QUINTO PQDE		1982	1983	1984	1985	1986	
	PREVISTA	8	7.5	7.5	7.5	7.5	7.6
	EFETIVA	7.2	12.6	9.3	7	12.9	9.8
	EXPORTAÇÃO	3	9	7	3	23	8.87

QUADRO 1 – PLANOS QUINQUENAIS: TAXA DE CRESCIMENTO DO PNB PREVISTA VERSUS EFETIVA E EXPORTAÇÃO

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA BASEADO EM DADOS DO BANCO MUNDIAL E MASIEIRO (2000)

3.2 DA IMITAÇÃO À INOVAÇÃO

Os coreanos sempre foram bons imitadores, Sang-Woon Jeon documentou várias conquistas tecno-científicas dos coreanos, como o fato de que, já em 647 d.C foi construído o primeiro observatório astronômico conhecido até hoje existente, depois foram criados clepsidras (relógios automáticos movidos a água), relógios solares, o *Sokkuram*, uma construção (templo) em forma de gruta cuja construção exigiu uma série de complicados cálculos matemáticos, apesar da maioria das idéias básicas terem surgido na China, é mérito dos coreanos conseguir adaptá-las às suas necessidades (KIM, 2005, p. 20).

A rápida industrialização da Coreia originou-se, em grande parte, da imitação, isso não significa necessariamente que os coreanos falsificavam ou clonavam mercadorias importadas. A imitação pode ser uma atividade legalizada, não envolvendo

violações de patentes nem pirataria. Um estudo mostra que aproximadamente 60% das imitações sul-coreanas foram legais. (KIM, 2005, p. 29)

A estratégia adotada na Coreia do Sul entre os anos 1960 e 1970 foi amplamente associada a imitações, produção em larga escala de cópias ou clonagens de produtos estrangeiros, eram mercadorias produzidas com marcas próprias ou com a marca do fabricante original, com preços mais baixos.

A industrialização nas décadas seguintes, de 80 à 90, se deu cada vez mais através das imitações criativas.

As imitações criativas visam a geração de cópias de produtos, mas com novas características de desempenho. Envolvem não somente atividades como avaliações e parcerias estratégicas, mas também um aprendizado específico por meio de grandes investimentos em atividades de P&D para criar imitações, cujo desempenho pode superar o produto original ou cujos custos de produção podem ser bem menores do que os do produto original. (KIM, 2005, p. 29)

Contudo a imitação por si só não foi o suficiente para que a Coreia atingisse seu ideal de se tornar um país altamente industrializado.

Muitos ramos industriais coreanos ampliaram suas atividades de P&D na década de 90, para, assim, se transformarem em indústrias inovadoras.

À medida que a Coreia foi se aproximando das fronteiras tecnológicas, as habilidades que antes eram usadas para atividades de engenharia reversa foram se adaptando, de forma eficiente, em atividades de P&D. Necessário para desenvolver tecnologia. (KIM, 2005, p. 30)

Conforme a Coreia foi desenvolvendo mais tecnologia, seus produtos começaram a se tornar mais competitivos no mercado internacional, isso favoreceu as exportações. O gráfico 4 mostra a evolução das exportações e importações no período de 1955 à 2005, percebe-se que o gap que havia entre as duas variáveis em 1955 foi consideravelmente reduzido ao longo do tempo (conforme a industrialização coreana foi amadurecendo) a partir do primeiro Plano Quinquenal para o Desenvolvimento Econômico (PQDE) a partir de 1961.

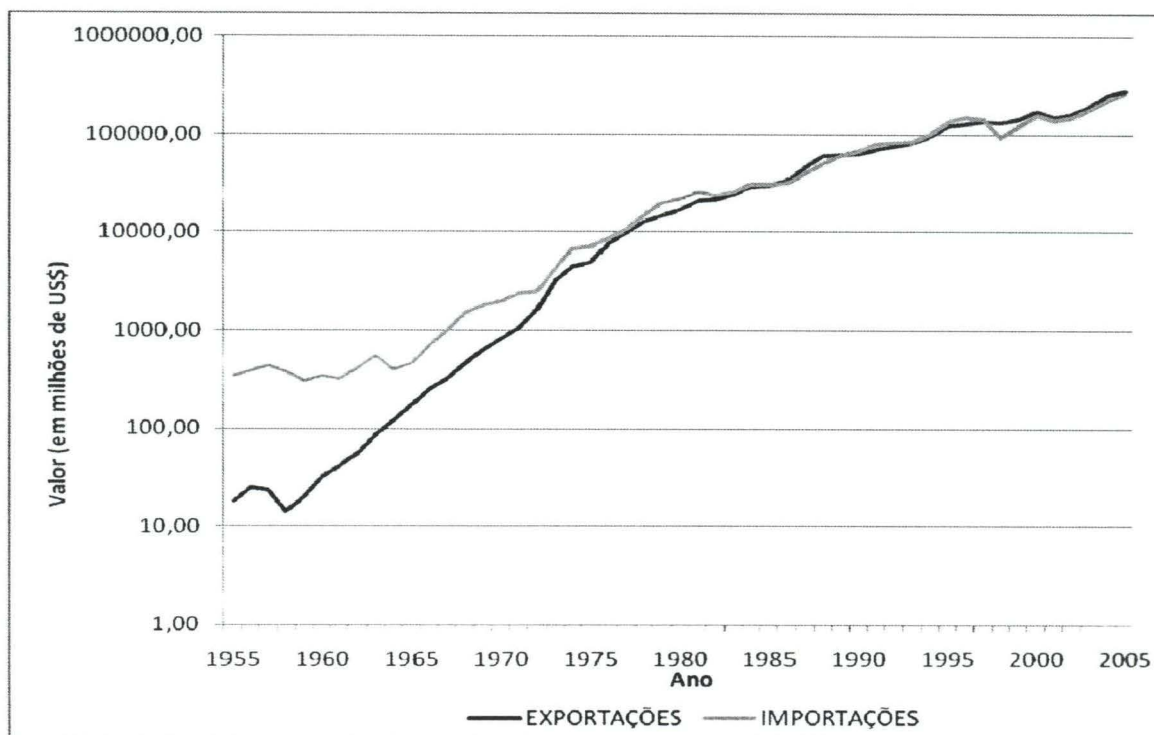


GRÁFICO 4 – RELAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES COREANAS (1955-2005)
 FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA BASEADO EM DADOS DO BANCO MUNDIAL

O desenvolvimento experimentado pela Coreia do Sul foi bastante expressivo, especialmente a partir de 1961. Para efeitos de comparação, a economia coreana se comportou parecido com a economia brasileira até o final da década de 80. Com políticas de substituição às importações e com o crescimento financiado pela poupança externa (principalmente via empréstimos dos Estados Unidos).

Na Coreia os planos de desenvolvimento eram voltados à exportação de materiais manufaturados enquanto no Brasil o foco era exportação de bens primários. O gráfico 5 abaixo mostra um comparativo das exportações brasileiras e sul-coreanas no período de 1955 à 2005, percebe-se que o montante de exportações coreanos se iguala ao brasileiro no ano de 1982.

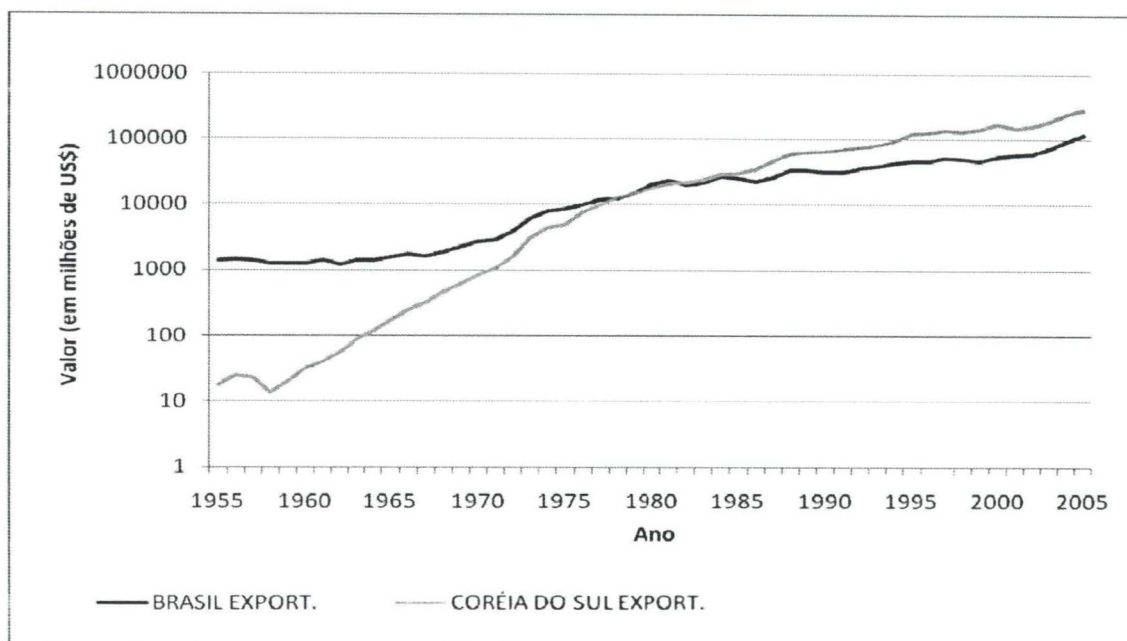


GRÁFICO 5 – COMPARATIVO DE EXPORTAÇÕES (EM MILHÕES DE DÓLARES) ENTRE BRASIL E CORÉIA DO SUL (1955-2005)
 FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA COM DADOS DA OMC

Nota-se que as políticas sul-coreanas de incentivo às exportações foram muito mais eficientes que as políticas brasileiras quando se analisa os resultados no longo prazo quanto ao crescimento do PIB e melhora na qualidade de vida dos cidadãos. Apesar do pequeno tamanho e do pequeno potencial agrícola do país asiático, as exportações da Coreia do Sul superaram as exportações brasileiras em 1982, em valor (dólar). Isso porque os produtos exportáveis coreanos eram mais intensivos em tecnologia que os produtos exportáveis brasileiros.

Como pode-se observar no quadro 2 a taxa média de crescimento do PIB sul-coreana e brasileira foram iguais no período de 1950 à 1979/80, à taxa de 6,5% anual, mas após esse período (de 1981-2000), a taxa brasileira cai para apenas 1,6% ao ano, enquanto a taxa coreana fica em 5,4% anual.

Enquanto o Brasil se especializou em produtos primários, como soja, a Coreia se especializou em produtos com alto grau de tecnologia embutida nos produtos, como automóveis, semicondutores e eletrônicos.

Brasil		Coréia do Sul	
Período anual de crescimento do PIB	Taxa média	Período anual de crescimento do PIB	Taxa média
1950-1962 (inclui o período JK)	6,9%	1950-62 (período S. Rhee)	4,9%
1963-1967 (crise política e reformas sob o governo do Gen. Castelo Branco)	3,2%	1963-1971 (1ª arrancada sob o governo do Gen. Park)	8,8%
1968-1974 (“milagre econômico sob o auge do regime militar)	11,0%	1972-1975 (1ª fase da industrialização pesada)	8,9%
1975-1980 (II PND, conclusão da base pesada da indústria)	6,6%	1976-1979 (2ª fase e conclusão da base pesada, fim da “era Park”)	10,6%
Taxa média anual do período 1950-1980 6,5%		Taxa média anual do período 1950-1979 6,5%	
1981-1983 (recessão provocada pelo “choque da crise da dívida”)	-1,1%	1980-1982 (recessão/estagnação pós Park e crise da dívida)	1,1%
1984-1989 (crescimento irregular com inflação alta, <i>stop n’go</i> , pré e pós plano Cruzado)	4,5%	1983-1987 (<i>drive</i> exportador, integração econômica com Japão e upgrade industrial)	10,2%
1990-1993 (recessão decorrente dos planos fracassados, Color I e II, com início de abertura)	-1,3%	1988-1993 (transição para economia baseada nos complexos eletrônicos e automobilístico)	7,8%
1994-1998 (estabilização com plano Real, juros altos e câmbio valorizado)	3,6%	1994-1997 (expansão com abertura financeira e internacionalização dos <i>chaebols</i>)	7,5%
1999-2000 (crise cambial e recuperação precária)	1,3%	1998-2000 (crise cambial e recuperação promissora)	2,0%
Taxa média anual do período 1981-2000 1,6		Taxa média anual do período 1980-2000 5,4%	

QUADRO 2 – COMPARATIVO DE DESEMPENHO DA ECONOMIA SUL-COREANA E BRASILEIRA (1950-2000)

FONTE: MASIERO (2000), COM BASE EM DADOS DO FMI E BANCO MUNDIAL

No quadro acima (quadro 2) temos um breve histórico comparativo criado por Masiero (2000) entre o Brasil e a Coréia do Sul, pode-se ver que a diferença nas políticas de desenvolvimento econômico brasileira e coreana, gera diferentes resultados (em termos de crescimento do PIB) a partir de 1980, o crescimento brasileiro não era sustentável devido à uma série de limitações (como políticas salariais que não eram flexíveis, e falta de investimento em educação e de geração de tecnologia).

3.3 O DESENVOLVIMENTO NA DÉCADA DE 1960

Segundo HARVIE & PAHLAVANI (2006), partir de 1962, com o primeiro PQDE, houve uma transformação da economia coreana, o que a colocou no patamar de país industrializado no começo dos anos 70. A década de 60 e 70, é caracterizada por reformas economicas que enfatizaram a exportação de manufaturas leves com alto grau de trabalho agregado. As metas de exportação eram combinadas entre o governo coreano e empresas privadas, com ênfase no desenvolvimento das indústrias com maior potencial de alavancar as exportação e adquirir e utilizar tecnologia, o governo facilitou a obtenção de crédito dessas empresas, ou conglomerados produtivos denominados *chaebols*, através de bancos statais, ou seja, desde os primeiros momentos do desenvolvimento econômico coreano foi firmado um elo entre o governo, empresas importantes ao desenvolvimento do país e os bancos.

O primeiro PQDE, de 1962 a 1966, consistiu nos primeiros passos para a construção da estrutura industrial coreana, o objetivo do primeiro PQDE era criar uma base industrial poderosa, para assim obter crescimento sustentável, para tal era necessário expandir a indústria e a infra-estrutura, otimizar a utilização de recursos, principalmente os inativos, melhora a balança de pagamentos e desenvolver a tecnologia. As áreas enfatizadas pelo governo foram as de energia elétrica, fertilizantes, refinarias petrolíferas, fibras sintéticas e cimento. Contudo o governo não beneficiou fortemente nenhum setor, mas sim a economia geral. Também estabeleceu a Lei de Proteção e o Plano de Desenvolvimento da Indústria Automotiva, este segundo deu origem a indústria automotiva coreana. hoje uma das mais bem sucedidas mundialmente. (FLEURY & FLEURY, 1997, p. 109)

O primeiro plano era basicamente uma lista de custos de projetos de desenvolvimento e de propostas políticas para o aumento das exportações (essencial ao crescimento econômico de longo prazo). Quanto às políticas fiscais e financeiras se baseavam em reformas políticas. No período do primeiro PQDE houve um aumento nas exportações, contudo houve também aumento da inflação. (MASIERO, 2000)

O segundo PQDE (1967 a 1971), teve como objetivo principal a modernização da estrutura da Coreia, o desenvolvimento econômico e a construção de indústrias para substituição de importações, sendo elas, aço, maquinaria e química. O segundo PQDE visava a autonomia na produção de alimentos para isso era necessário o desenvolvimento da atividade pesqueira e da área florestal. Também criar a base para a industrialização pesada, promover mais a criação de tecnologia, melhorar a balança de pagamentos, reduzir o desemprego e aumento dos impostos (MASIERO, 2000).

Devido às pressões inflacionárias ocorrida no período do primeiro PQDE o segundo PQDE introduziu também algumas medidas para a estabilização da inflação, como uma reforma financeira com a adoção de taxas de juros realistas e uma reforma fiscal com o intuito de estabilizar os gastos do governo. Essas medidas resultaram em maior expansão nas exportações e, conseqüentemente, aumento do PIB, bem como gerou aumento das reservas.

No quadro 3 pode-se ver o montante das importações e das exportações durante o período que compreende os dois primeiros planos de desenvolvimento para o Brasil e Coreia. Percebe-se que o montante das exportações e importações brasileiras eram muito maiores que coreana, com o plano coreano, que visava a industrialização via promoção das exportações. essa diferença diminuiu consideravelmente em apenas uma década.

ANO	BRASIL			CORÉIA DO SUL		
	EXPORT.	IMPORT.	SALDO DA BALANÇA COMERCIAL	EXPORT.	IMPORT.	SALDO DA BALANÇA COMERCIAL
1960	1268	1462	-194	32	344	-312
1961	1403	1460	-57	41	316	-275
1962	1214	1475	-261	56	422	-366
1963	1406	1487	-81	87	560	-473
1964	1430	1263	167	118	404	-286
1965	1596	1096	500	173	463	-290
1966	1741	1496	245	251	716	-465
1967	1654	1667	-13	321	996	-675
1968	1881	2132	-251	457	1463	-1006
1969	2311	2265	46	624	1824	-1200
1970	2739	2849	-110	836	1984	-1148
1971	2904	3701	-797	1067	2394	-1327

QUADRO 3 – BALANÇA COMERCIAL (EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES) BRASILEIRA E COREANA DE 1960 A 1971

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA BASEADA EM DADOS DO BANCO MUNDIAL

As estratégias de desenvolvimento se mostraram eficientes e a média de crescimento anual coreano de 1962 a 1971, que compreendia o primeiro e segundo PQDE, foi de 8,8%, a renda per *capita* foi de US\$82 em 1961 para mais de US\$280 em 1971. A estrutura industrial alterou-se consideravelmente, com o aumento da produção de manufaturas, as exportações aumentaram de US\$ 41 milhões em 1961 para US\$ 1,1 bilhão em 1971, o que representou uma média anual de crescimento das exportações de quase 40%. Durante esse período houve o aumento da poupança interna e diminuição do desemprego. também se tomou possível para a Coréia obter ganhos de escala e receber tecnologia. (HARVIE & PAHLAVANI, 2006, p.3)

3.4 O DESENVOLVIMENTO NA DÉCADA DE 1970

De 1972 a 1976 ocorreu o terceiro PQDE. visava a promoção das indústrias químicas e pesada, e garantir o desenvolvimento das indústrias que visavam as exportações. Os setores que foram mais beneficiados foram, ferro e aço, maquinaria de

transporte, eletrônicos, construção naval e petroquímico. A ajuda governamental vinha através da facilitação de obtenção de matéria prima, assistência financeira e empréstimos a taxas de juros muito baixas, com objetivo de reduzir ao máximo a obtenção de crédito estrangeiro por parte das *chaebols*, diminuindo assim a dependência destas do capital estrangeiro. Nesse PQDE também foram construídas indústrias ao sul do país, para aumentar a oferta de emprego nas regiões menos desenvolvidas, bem como para que o desenvolvimento não fosse concentrado na capital Seul (MASIERO, 2000).

O governo coreano pretendia aumentar as reservas para poder financiar as indústrias químicas e pesadas. Contudo o que ocorreu foi um aumento na dívida externa do país. Como a indústria coreana estava crescendo rapidamente, o *gap* existente aumentou entre o segundo e primeiro setor. Então o governo adotou políticas para melhorar as condições de vida da população agrícola. Ao longo da década de 70 foram observadas várias políticas para reduzir a desigualdade de renda, contudo a forma mais eficiente de reduzir a desigualdade é através do crescimento econômico. A Coreia foi capaz de aumentar sua renda, e aproveitar esse movimento para aequalizar a distribuição da renda através de um programa intitulado *Saemaul Undong*. Então o principal objetivo do terceiro PQDE foi justamente conseguir estabilidade econômica e melhor distribuição de renda. As principais políticas visavam a independência na produção de alimentos, melhoria de vida nas zonas rurais, promoção da indústria pesada e química (MASIERO, 2000)

O quarto PQDE, vigorou de 1977 a 1981, como explica Masiero (2000), tinha como objetivo investir nas indústrias que poderiam ser competitivas no mercado internacional. Indústrias de alta tecnologia, que exigiam mão de obra qualificada (como as indústrias de máquinas, ferramentas, eletrônicos e construção naval). O plano também enfatizou as indústrias químicas e pesadas (como metalúrgica). O resultado do plano se mostra com o crescimento desses setores em 1981 (acima de 50%), e as exportações dos produtos dessas indústrias aumentou para 45% do total. Este resultado deve-se a performance das exportações de ferro, aço e navios. Os investimentos com geração de energia, maquinaria integrada, motores e construção de

equipamentos pesados foram dobrados no quarto PQDE e foram o carro chefe do desenvolvimento desse período.

Na década de 70, apesar dos números impressionantes obtidos na década anterior, a política dos primeiros PQDE geraram um desbalanceamento entre os setores industriais leve e pesado, bem como aumentou a discrepância entre as empresas que trabalhavam com o mercado externo e as empresas que trabalhavam com o mercado interno. E, ainda no começo dos anos 70, a Coreia começou a experimentar uma queda nos níveis de exportação de manufaturas leves. Então as atenções se voltariam para as indústrias de aço, maquinaria pesada, automóveis, eletrônicos, indústria naval, metais não ferrosos e petroquímicos. As políticas de auxílio a exportação geral foram substituídas por ramos específicos, já mencionados, em alguns casos a ajuda governamental se deu para empresas (*chaebols*) específicas, a principal ferramenta de auxílio foi, novamente, a facilidade de crédito fornecida por bancos estatais, contudo os bancos estatais por sua vez, obtinham empréstimos estrangeiros, isso aumentava o déficit externo. Outros incentivos incluíam subsídios e redução tributária. Sem a ajuda do governo, muitas *chaebols* não teriam arriscado tanto, com tamanho investimento que tiveram que fazer para cumprir as metas estipuladas pelo governo Park (MASIERO, 2000).

Essas políticas resultaram em alguns problemas econômicos, houve uma rápida expansão monetária, investimentos tinham sido feitos sem uma análise de viabilidade bem elaborada, a política com foco em alguns ramos resultou numa economia ineficiente. com grandes perdas, o setor bancário e corporativo estava em perigo devido a socialização do risco de falência somado à baixa taxa de juros e o fato de que as empresas estavam mais preocupadas com a participação no mercado do que com a lucratividade, devido aos incentivos governamentais. De 1976 a 1978, a economia coreana mostrou sinais de superaquecimento (HARVIE & PAHLAVANI, 2006, p. 3-4), o aumento dos salários ultrapassaram a produtividade do trabalho e com os altos graus de investimentos na indústria pesada numa época de baixa demanda, contribuem para uma pressão inflacionária no país, resultando em redução da competitividade de produtos coreanos no mercado internacional, o que acabou reduzindo os níveis de exportação e, conseqüentemente, de crescimento econômico (MASIERO, 2002, p.14).

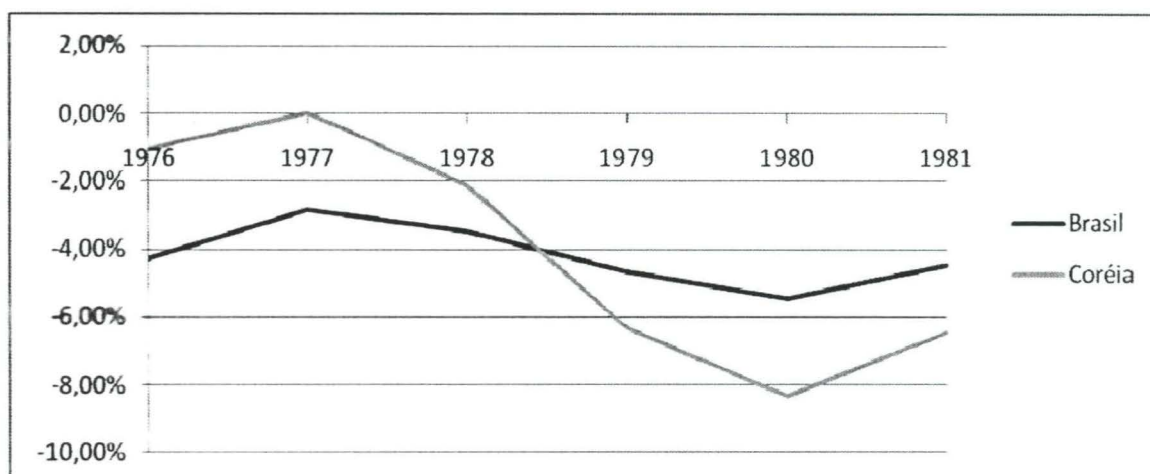


GRÁFICO 6 – BALANÇO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES, BRASIL E CORÉIA (1976 – 1981)
 FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA COM BASE EM DADOS DO BANCO MUNDIAL

Como mostra o gráfico 6, a Coréia até 1979 possuía um déficit em transações correntes menor que o brasileiro. Devido à crise do petróleo e ao assassinato do presidente Park (ambos em 1979) a Coréia se desequilibrou internamente, principalmente quanto à inflação (que aumentou), e o déficit ficou maior que o brasileiro. Mas a partir de 1981 o saldo das transações correntes volta a ser controlado.

No geral, as décadas de 60 e 70 foi positivo e essencial para o rápido crescimento da economia, em 1965 as relações da Coréia com o Japão tinham sido normalizadas, reformas fiscais e financeiras permitiram a estabilização da economia coreana, em meados da década de 70 houve um *boom* de construção civil no centro-leste do país, esse período permitiu a Coréia a exportar para mercados estrangeiros (por exemplo o norte-americano) enquanto mantinha um mercado interno relativamente protegido e estável. Apesar dos problemas econômicos na década de 70 o crescimento do PNB médio anual foi de mais de 8%.

3.5 O DESENVOLVIMENTO NA DÉCADA DE 1980

No final dos anos 70, devido à crise do petróleo o mundo sofria uma recessão e a Coréia sofreu com o aumento da inflação, o resultado foi que em 1980 a Coréia se desequilibrou. Para tentar controlar esse desequilíbrio, o governo estabeleceu um regime monetário para estabilizar a economia. As principais mudanças na política comercial no início de 80 foram manter taxas de câmbio reais, expandir os subsídios e os empréstimos estrangeiros para firmas voltadas à exportação, o apoio a capacitação de profissionais e P&D, estabelecimento de zonas de livre exportação e a criação de companhias gerais de comércio para expandir a participação da Coréia no mercado internacional. (MASIERO, 2000)

No início da década de 80 a economia coreana crescia lentamente, a dívida externa e a inflação aumentava, devido à alguns fatores ocorridos no final da década de 70 e início de 80, como o assassinato do presidente Gen. Park em 1979, que gerou uma desestabilização política no país, houve o aumento significativo da mobilização estudantil bem como o surgimento de facções militares interessadas em tomar o poder. Nesse cenário conturbado a necessidade de apressar o crescimento através da exportação se tornou ainda maior, ou seja, as políticas de promoção das exportações voltam a ter prioridade. Várias mudanças na política comercial aconteceram, como a diversificação de mercado, reformas no sistema de apoio as exportações, diminuição de barreiras comerciais para expandir importações de produtos para a manufatura e aumento do crédito associado com a exportação de bens duráveis (IDEM, 2000)

Em 1979 o General Park foi assassinado por um agente do próprio serviço secreto coreano, com isso a Coréia passou por severas mudanças políticas, o país sofria uma forte competição pelo poder. o assassinato gerou um espaço político, uma vez que a Assembléia Nacional não podia obter o poder. de acordo com a constituição, quem assumiu a presidência foi Choi Kyu-Há, primeiro ministro, este governou até maio de 1980, quando um golpe militar colocou o General Chun Doo Hwan no poder. (MASIERO, 2000)

No início de 1982 foi lançado o quinto e último PQDE, com o objetivo de construir uma situação de *welfare state*. Para tal era preciso administrar a dívida externa, que havia crescido muito, também aumentar as reservas domésticas. Dessa vez foi a indústria de tecnologia que fora beneficiada pelo plano, para impulsionar as exportações a Coreia apostou em produtos com alto grau tecnológico como eletrônicos, e máquinas de precisão, esses produtos teriam maior demanda internacional do que as indústrias pesada e química.

Tal desestabilização política foi a responsável pelo único ano com crescimento do produto nacional bruto negativo no período de 1954 a 1994, (pouco menos de 2% negativos) em 1980, como pode-se observar no gráfico 2.

Em abril de 1981 o novo presidente (Chun Doo Hwan) estabeleceu uma nova constituição, esta constituição era a mais democrática até o momento, excetuando os procedimentos para eleições presidenciais. A nova constituição garantia direitos democráticos aos coreanos, como a privacidade nas comunicações, proibição de torturas, inadmissibilidade de confissões obtidas através da força, mas estabelecia um mandato de 7 anos e forte poderes para o presidente, como o direito de dissolver a Assembléia Nacional.

O governo Chun conseguiu resultados notáveis na economia e na diplomacia, no entanto não conseguiu apoio público. era visto como um antidemocrata. Seu governo foi marcado por importantes relações diplomáticas, um exemplo é a escolha de Seul para sediar os jogos olímpicos de 1988. e a visita do primeiro ministro japonês (Nakasone Yasuhiro) em 1983, esta que resultou em um empréstimo de US\$ 4 bilhões para o financiamento do quinto PQDE (de 1982 a 1986) (MASIERO, 2002, p. 15)

Até meados dos anos 80 a economia coreana havia chegado no ponto desejado, com a inflação controlada e as taxas de crescimento no mesmo nível de antes. De 1986 a 1989 as condições de crescimento foram beneficiadas devido ao baixo preço do petróleo, desvalorização do dólar americano e baixas taxas de juros no mundo. Em 1986, a Coreia fechou o balanço de pagamentos em conta corrente positivo, com as exportações excedendo as importações e a poupança interna excedendo o investimento doméstico pela primeira vez na história moderna coreana. O crescimento anual foi de 12% e a participação de produtos manufaturados no PNB foi de 29,7% em

80 para 32,3% em 1987. No entanto os jogos olímpicos, os altos salários, alta no preço da terra, dentre outros reduziram o crescimento do produto para 8% anual a partir de 1989. (HARVIE & PAHLAVANI, 2006, p.5)

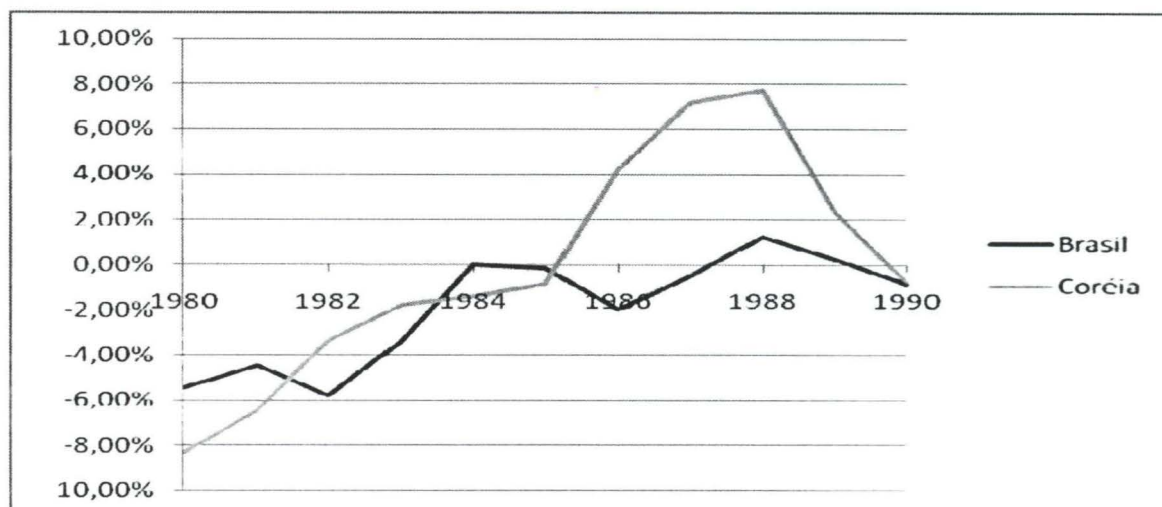


GRÁFICO 7 – O BALANÇO EM TRANSAÇÕES CORRENTES (BRASIL E CORÉIA) DE 1980 A 1990
 FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA COM BASE EM DADOS DO BANCO MUNDIAL

Após o período de desequilíbrio da década de 80, a Coréia voltou a manter taxas altas de crescimento (acima de 7% ao ano), e o saldo em transações correntes voltou a entrar em equilíbrio, em 1981 o déficit já era menor na economia coreana do que na economia brasileira e em meados de 1985 já era um superávit (gráfico 7).

O período dos anos 80 e 90 foram marcado por grandes mudanças na política em relação aos períodos anteriores. Nos anos 80 e 90, com uma estrutura industrial já consolidada, a partir da segunda metade da década de 80, o governo focou em estabilização e liberalização econômica com políticas de liberalização comercial e financeira, abertura do mercado coreano, legislação antitruste, estratégias distributivas de apoio a pequenas e médias empresas começam a serem implementada, maior abertura a investimentos internos, redução de preferência para indústrias específicas. Além delas, foram incentivadas o desenvolvimento das indústrias de elevado valor agregado.

3.6 A DÉCADA DE 90 À 2005, CRISE FINANCEIRA DE 1997 E A RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA SUL-COREANA

Nos anos 90, houve uma crescente interação entre as economias globais, aumentando assim o comércio internacional, e liberalização financeira, como as políticas coreanas dos anos 80. No entanto segundo Harvie e Pahlavani (2006), as sementes para a crise cambial e financeira que a Coréia sofreria em 1997 já estavam plantadas.

O crescimento econômico coreano permaneceu forte entre 1990 e 1997, houve uma pequena redução nos investimentos e no consumo em 1992/93 mas isso era parte do programa de controle da inflação de 1990/91. A economia coreana estava baseada ainda no aumento das exportações, baixas taxas de inflação, excedentes fiscais e altos graus de investimento e poupança e baixo nível de desemprego.

Segundo Paincerá (2001), o setor financeiro sempre esteve fortemente atrelado ao processo de financiamento e desenvolvimento da economia sul-coreana. A importância do setor financeiro pode ser medida pela taxa de concessão de créditos para o setor privado sobre o PNB do país. No caso da Coréia, no período de 1990 a 1995 essa taxa ficava em torno de 56%, a partir de 1996 até 1998 essa taxa aumenta para 61%, 68% e 74% (respectivamente) (WORLD BANK, 1999)

Para entender a crise que se abateu sobre a economia coreana no final de 1997 é necessário estudar o sistema financeiro sul-coreano na década de 90. O sistema financeiro coreano era de acordo com o que Minsky (1986, p. 255) teorizou, os bancos são agentes ativos na dinâmica econômica, já que seu comportamento influencia a liquidez do sistema econômico com um todo. Os bancos comerciais aumentam seus créditos ao setor privado durante a fase de crescimento da economia e, procurando por maior lucratividade, buscam novas fontes de recursos através da elevação de suas obrigações com terceiros em detrimento do seu patrimônio líquido.

O posicionamento das instituições financeiras (buscando por maiores rentabilidades), somado às mudanças institucionais que ocorreram na década de 90, aumentaram a demanda por ativos (em moedas estrangeiras), principalmente a partir

do segundo semestre de 1993. Isso elevou o valor dos ativos estrangeiros na carteira das instituições financeiras e fez crescer a participação percentual desses ativos no ativo total dos bancos comerciais e outras instituições financeiras.

Outro fator foi o aumento dos investimentos imobiliários por parte de bancos de investimento, que ocorreu no começo dos anos 90. Isso se deve ao processo de liberalização na Coreia do Sul, a qual permitia às instituições financeiras se alavancarem com operações com moeda estrangeira. O que existiu foi a troca de aplicações em créditos imobiliários por aplicações em ativos financeiros (em moeda estrangeira) para aumentar a captação de recursos. Esse processo leva a possível fragilidade financeira, isso quando as obrigações em moeda estrangeira for maior que suas aplicações (MINSKY, 1986, p.256)

Aqui será utilizado apenas o conceito elaborado por Minsky (PAINCERA, 2001) sobre a hipótese de instabilidade financeira (HIF) de "Fragilidade Externa". Minsky indica que a economia capitalista possui uma estrutura financeira sujeita a crises. A opção de um agente por investir depende dos mecanismos de financiamento às expectativas de retorno e risco, como agentes racionais.

A estrutura de financiamento de uma economia pode ser considerada como a relação que há entre os fluxos futuros de lucros esperados e os fluxos de compromissos financeiros contratados, então, o comportamento da economia estaria associado à estrutura de financiamento, uma vez que a essa estrutura determina como serão feitos os investimentos. (PAINCERA, 2001)

Pode-se definir, a partir de informações do balanço de pagamentos, o grau da fragilidade externa de uma economia. A taxa de câmbio futura é elemento fundamental na composição da fragilidade externa, uma vez que este pode influenciar as empresas sobre a forma de despesas e receitas. Se os agentes receberam suas despesas e receitas na mesma moeda não sofrerão com variações do câmbio, contudo se esse agente possui despesas e receitas em moedas diferentes terá mais dificuldades em equilibrar seus orçamentos caso haja mudanças no câmbio.

De acordo com Paincera (2001), quanto maior a proporção de agentes especulativos na economia, maior a fragilidade financeira. A fragilidade financeira se dá em função das margens de segurança dos agentes, essa margem é constituída por

ativos, acumulados em função de sua liquidez, e não pela renda esperada. A fragilidade financeira não é o grau de endividamento do agente e sim a compatibilidade entre o ativo e o passivo.

Os fluxos de capital para a Ásia mudaram de um valor de entrada em 1996 de US\$ 93 bilhões para uma saída de US\$ 12 bilhões em 1997 (CANUTO, 2000)

O maior crescimento das captações externas bancárias se dá a partir de 1995, quando a economia sul-coreana conquista maior confiança do mercado financeiro mundial. No início da década de 90 as obrigações externas representavam aproximadamente 2,5% do passivo das instituições financeiras (de US\$5 a 7 bilhões de dólares), no terceiro trimestre de 1997 esse valor representava quase 10% do passivo das instituições financeiras (US\$ 36 bilhões). (PAINCERA, 2001)

O papel desempenhado pelas instituições financeiras foi fundamental para a crise financeira de 1997, através da emissão de títulos essas instituições realizava captação de recursos no mercado financeiro internacional, contudo essas mesmas instituições também são responsáveis pela rápida recuperação sul-coreana a partir de 1998 junto com o Banco Central que conseguiu sustentar os níveis de liquidez na economia durante a crise.

Quando o *bath* tailandês se desvaloriza, em julho de 1997, após um anúncio de que a moeda passaria a flutuar, marca-se o início da crise. As instituições financeiras começam a reduzir seus passivos de curto prazo e a aumentar os de longo prazo. Pouco após Filipinas, Malásia e Indonésia seguiram essa política. A Coreia do sul foi o último estágio da crise em 1997, com sua moeda desvalorizando 25% em novembro de 1997, de junho a dezembro de 1997 o won coreano teve desvalorização de mais de 80% em relação ao dólar (CANUTO, 2000).

Com isso a percepção dos investidores e das instituições financeiras começa a alterar quanto a sustentabilidade desse processo de financiamento. No terceiro trimestre de 1997, a soma do passivo externo líquido total das instituições financeiras mais o das filiais estrangeiras e subsidiárias coreanas é maior que o passivo externo líquido total da Coreia inteira, US\$74,4 bilhões contra US\$67,2 bilhões (PAINCERA, 2001).

O principal motivo que transformou a fragilidade financeira em instabilidade financeira foi a desvalorização da moeda sul-coreana, em virtude da magnitude dos passivos externos líquidos, principalmente de curto prazo, frente à disponibilização de divisas no país, com isso a crise financeira coreana se torna também uma crise cambial.

Segundo Canuto (2000), na crise asiática de 1997 recaiu sobre a Tailândia, Indonésia, Filipinas, Malásia e Coréia do Sul. No caso da Tailândia existia alguns fundamentos, macro ou micro, que estavam em desordem e contribuíram para a recessão no país, as crises da Indonésia e Filipinas sofriam com instabilidade política. Todas as cinco nações sofreram um contágio de expectativas pessimistas e desconfiança. Mas, segundo alguns autores, a crise sul coreana foi basicamente uma “crise de fuga da iliquidez auto-realizada”.

A experiência histórica coreana de desenvolvimento econômico teve como elementos básicos as políticas públicas de financiamento e apoio estratégico caracterizado pela “premiação de vencedores e punição de perdedores”. Contudo, por trás de bons fundamentos macroeconômicos, as condições financeiras de vários conglomerados (*chaebols*) estavam se deteriorando. Ao final de 1996, várias das maiores *chaebols* estavam com o custo de capital maior que as taxas de retorno, no início de 1997, sete haviam decretado falência (CANUTO, 2000).

A recuperação da economia sul coreana se deu muito rapidamente, pode ser vista na queda do Índice de Fragilidade Financeira Externa (gráfico 7), após 1997. A rápida recuperação se dá devido aos expressivos superávits na balança comercial, (aproximadamente US\$ 40 bilhões em 1998 segundo dados da OMC), resultado da forte redução das importações, considerando que os valores das exportações pouco se alteraram (em dólares). De acordo com a Lei de Thirlwall, um superávit na balança comercial, alcançado em maior escala devido à redução das importações (visto que a elasticidade-renda de importações é pequena na Coréia do Sul) pode gerar crescimento econômico, contudo a o modelo tem como objetivo explicar o crescimento de médio e longo prazo, então não se pode explicar a recuperação econômica sul coreana à luz do modelo de Thirlwall.

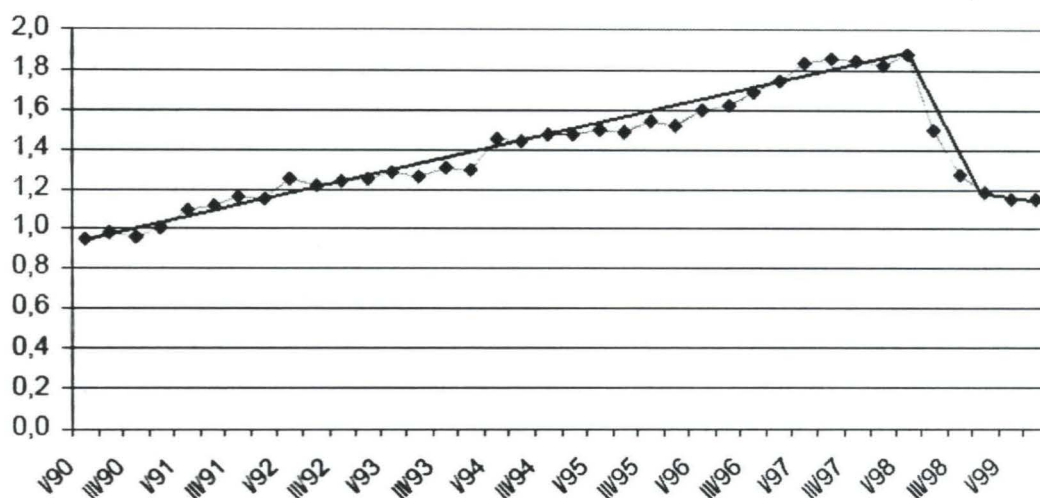


GRÁFICO 8 – EVOLUÇÃO DA FRAGILIDADE FINANCEIRA EXTERNA
 FONTE: PAINCERA (2001)

Outro fator importante para a recuperação coreana foi a forte redução no estoque de capitais de curto prazo, passando de US\$ 65 bilhões em 1997 para US\$ 30 bilhões em 1998. (PAINCERA, 2001)

Basicamente, a crise coreana começou como uma crise financeira, devido à crescente fragilidade financeira externa, adicionada a outros fatores a crise se tornou cambial também, representando uma grande desvalorização da moeda doméstica, em pouco tempo, a Coréia foi capaz de sanar o problema da fragilidade financeira externa e com a redução de suas reservas (para manter a liquidez internamente) a crise foi superada em menos de um ano.

As exportações foram importantes para a recuperação econômica sul-coreana, e, somado às políticas públicas, definem o quadro pós-crise.

Na Ásia não japonesa, as exportações representavam aproximadamente 37% do PIB regional em 2000, principalmente para os Estados Unidos. (CANUTO, 2000).

No início de 2000, a China, Japão e a Coréia do Sul dentre outras economias do sudeste asiático fizeram um acordo no qual todos esses países poderão, eventualmente, contar com as reservas dos países, a crise asiática de 1997-98 pode ter resultado no surgimento do embrião do "FMI asiático" (CANUTO, 2000)

Em 2001 as exportações coreanas representavam 38% do PIB, neste mesmo ano a Coréia saldou seus débitos com o FMI, num valor aproximado de US\$ 19,5 bilhões. A experiência das *chaebols* mostra que as oportunidades de crescimento coreanos ainda existem, estando presentes nos principais mercados mundiais. (MASIERO, 2002)

O crescimento coreano continuou seguindo o modelo da Lei de Thirwall, através do crescimento impulsionado pelo superávit nas transações internacionais, com exportação maior que importação.

Após a recuperação da economia ante a crise asiática de 1997-98, a Coréia do Sul retomou o mesmo patamar de crescimento de antes da crise, como já foi visto, o superávit na balança de pagamentos foi o principal responsável para a recuperação econômica, no quadro acima (quadro 3) pode-se ver que, em 1998, o balanço na conta corrente (que registra as entradas e saídas devidas ao comércio de bens e serviços, bem como pagamentos de transferência) foi de 11,3% do PIB.

De 1999 à 2005 a política coreana ainda se volta à exportação, pode-se verificar isso ao analisar a participação das *chaebols* no mercado mundial, a média de crescimento das exportações nesse período é de 12% segundo dados da OMC. O saldo da balança comercial foi positivo em todos os anos e o PIB cresceu em média à uma taxa de 6% ao ano. enquanto a população cresceu à uma taxa de 0.56% de média ao ano.

A Coréia do Sul representava 1.4% das exportações mundiais em 1980, na década de 90 esse número aumentou para 2.5%. em 2000 era de 3.3% e, por fim, em 2004 as exportações coreanas representavam 3.5% do total de exportações mundiais.

Analisando o setor automobilístico coreano principalmente composto pela Hyundai, Kia e Daewoo, percebe-se a importância dessa indústria para a economia do país. Segundo a OICA (Organização Internacional de Construtores de Automóveis), a Coréia do Sul ocupava a sexta posição no ranking de maiores produtores de automóveis em 2003, com uma produção anual de 3,2 milhões de unidades. Em 2005 a Coréia passou a produzir 3,7 milhões de unidades. De 1999 a 2004 a Coréia ocupava o quinto lugar no ranking dos maiores produtores de automóveis, atrás apenas do Japão,

Alemanha, Estados Unidos e França. Em 2005 a produção Coreana superou a produção francesa e a Coréia passou a ser o quarto maior produtor de veículos.

Segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC) a Coréia do Sul exportava aproximadamente US\$ 172 bilhões, e ocupava a décima segunda posição no ranking dos maiores exportadores mundiais, em 2005, segundo a Korea International Trade Association (KITA) o valor das exportações era de aproximadamente US\$ 285 bilhões.

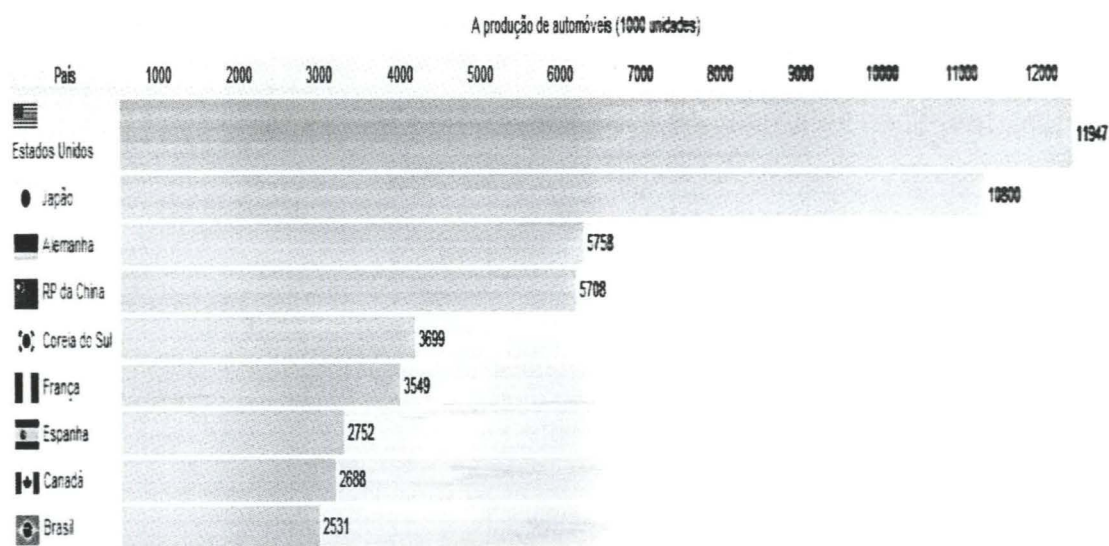


GRÁFICO 9 – RANKING DOS PAÍSES COM MAIORES PRODUÇÕES DE AUTOMÓVEL (2005)
 FONTE: OICA

Ano	Qtd. de Veículos	Qtd. de Veículos Comerciais	Total de Veículos	Variação da Produção	Posição
1999	2,361,735	481,379	2,843,114	N/A	5
2000	2,602,008	512,990	3,114,998	9.60%	5
2001	2,471,444	474,885	2,946,329	-5.41%	5
2002	2,651,273	496,311	3,147,584	6.83%	5
2003	2,767,716	410,154	3,177,870	0.96%	5
2004	3,122,600	346,864	3,469,464	9.18%	5
2005	3,357,094	342,256	3,699,350	6.63%	4

QUADRO 4 – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO SUL-COREANA DE VEÍCULOS (1999-2005)

FONTE: OICA, ELABORAÇÃO PRÓPRIA

Na tabela abaixo (tabela 1) podemos ver que as exportações e importações sul-coreanas tendem a aumentar, as exportações tendendo a aumentar mais que as importações, gerando assim superávit na balança comercial. Em 2001 nota-se uma queda, tanto nas exportações quanto nas importações, mas volta a crescer logo em seguida, com taxas de aproximadamente 8% (em ambas exportações e importações) em 2002, 19% de aumento nas exportações e 17% nas importações em 2003. em 2004 as exportações cresceram incríveis 31%, enquanto as importações 25,5%, em 2005 houve um aumento maior nas importações que nas exportações, mesmo assim há um superávit de US\$ 23 bilhões segundo dados da OMC.

TABELA 1 – COMÉRCIO INTERNACIONAL (FOB) SUL-COREANO DE 2001 A 2005 (ANO ANTERIOR = 100)

Ano	2001	2002	2003	2004	2005
Exportações	87.3	108	119.3	131	112
Importações	87.9	107.8	117.6	125.5	116.4

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA COM DADOS DA OMC

De acordo com dados coletados na base de dados do FMI, o PIB coreano cresceu à uma média de 6% ao ano entre 1999-2005, a taxa de crescimento

populacional média ficou em 0,54% ao ano no mesmo período, então o crescimento pode ser considerado bastante expressivo.

3.7 POLÍTICAS DE ORIENTAÇÃO PARA AS EXPORTAÇÕES, SUBSTITUIÇÃO ÀS IMPORTAÇÕES E POUPANÇA EXTERNA DURANTE O PERÍODO DE 1961 À 2005

Até o início da década de 70, o padrão de crescimento econômico coreano era baseado na exploração do fator mão-de-obra, abundante. Durante o primeiro e segundo PQDE, de 1962 a 1971, as políticas tinham como objetivo incentivar as exportações e não favorecer fortemente determinados ramos. (ALDRIGHI, 1997, p. 146)

A partir dos anos 70, com o terceiro PQDE as políticas passaram a apresentar certo viés para determinados ramos, contudo as exportações continuavam sendo prioridade governamental.

Com a perda de competitividade dos produtos coreanos no mercado mundial (manufaturas leves) gerou uma necessidade de se adotar mais tecnologia e valor agregado nos produtos manufaturados, então, os planos de 1972 a 1981 tiveram como objetivo desenvolver a indústria pesada e química, estas indústrias foram selecionadas justamente por causa do seu potencial exportador (MASIERO, 2000).

Além da promoção à exportação, o governo coreano estipulava barreiras comerciais para proteger a indústria nascente, assim, gerar um efeito de substituição à importação, contudo como o objetivo era o mercado internacional, as empresas coreanas não se acomodaram e ficaram obsoletas. Após o amadurecimento da indústria nascente as barreiras comerciais eram reduzidas e as empresas eram competitivas. O governo coreano era generalista quando se tratando de empresas exportadores, mas muito seletiva na proteção às importações.

O governo atentou às políticas de substituição de importações e promoção das exportações. Foram escolhidos ramos industriais estratégicos tanto para uma política quanto para outra, exemplos seriam a indústria têxtil, eletrônica, automobilística e de

madeira compensada em 1960, e siderúrgica, naval, construção civil e maquinaria na década de 1970 (KIM, 2005, p. 32).

Os ramos industriais nascentes do país sofreriam com os custos extras inerentes à indústrias não desenvolvidas, para superar isso o governo protegia tais indústrias através de políticas que resguardavam à concorrência internacional os ramos recém criados. À medida que as empresas se tornavam mais competitivas as barreiras eram reduzidas e passavam de ramos não desenvolvidos para ramos exportadores.

Os impactos dessas políticas de promoção às exportações e substituição das importações foram que, ao mesmo tempo que criou novas oportunidades de negócios, essa política deu origem a crises, que obrigavam as empresas e investirem pesadamente em aprendizado tecnológicos e assimilar e aperfeiçoar tecnologias estrangeiras com o intuito de sobreviver no mercado internacional. Com isso as empresas inseridas no ramo orientado às exportações cresceram muito mais e mais rapidamente que as empresas nos ramos de industrialização por substituição das importações.

Um aspecto que marcou a estruturação econômica coreana foi o padrão triangular entre a Coreia, Japão e os Estados Unidos. As exportações coreana se dirigiam especialmente para os Estados Unidos, em segundo lugar, para o Japão. Isso porque os Estados Unidos constituía um grande mercado consumidor de produtos coreanos. A Coreia possuía déficit com o Japão, mas superávit cada vez maiores com os Estados Unidos. (CANUTO, 1994, p. 121)

Outro fator que possibilitou o crescimento coreano foram os empréstimos tomados, principalmente até meados de 1960, quando a ajuda externa representava quase 19% do PIB coreano, só a ajuda norte-americana somava um total de 15% do PIB. Essa ajuda foi principalmente utilizada para a criação de infra-estrutura e reconstrução do país.

Analisando a tabela abaixo (tabela 2), pode-se verificar o comportamento do PIB, da inflação, da taxa de desemprego, crescimento populacional, os gastos do governo, a dívida bruta do governo e o balanço na conta corrente da Coreia do Sul de 1980 à 2005, contudo nesse momento será analisado o período pós crise, 1999 à 2005.

TABELA 2 – DADOS DA ECONOMIA SUL COREANA NO PERÍODO DE 1980 A 2005

Índice	Unidade	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988
Produto Interno Bruto	Varição percentual	-1,89	7,40	8,29	12,18	9,86	7,47	12,24	12,27	11,66
Inflação	Varição percentual	28,70	21,35	7,19	3,42	2,27	2,46	2,75	3,05	7,15
Taxa de Desemprego	Percentual da PEA	5,20	4,50	4,13	4,12	3,85	4,03	3,84	3,11	2,53
População	Pessoas (1.000)	38 124	38 723	39 326	39 91	40 406	40 806	41 214	41 622	42 031
Gastos Totais do Governo	Percentual do PIB	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Débito Bruto do Governo	Percentual do PIB	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Balanco da Conta Corrente	Percentual do PIB	-8,25	-6,36	-3,29	-1,77	-1,36	-0,81	4,14	7,02	7,55
Índice	Unidade	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Produto Interno Bruto	Varição percentual	6,75	9,30	9,71	5,77	6,33	8,77	8,93	7,19	5,77
Inflação	Varição percentual	5,70	8,57	9,33	6,21	4,80	6,27	4,48	4,93	4,44
Taxa de Desemprego	Percentual da PEA	2,58	2,46	2,45	2,53	2,90	2,48	2,07	2,06	2,62
População	Pessoas (1.000)	42 449	42 869	43 296	43 748	44 195	44 642	45 093	45 525	45 954
Gastos Totais do Governo	Percentual do PIB	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	15,341	15,906	16,117
Débito Bruto do Governo	Percentual do PIB	n/a	12,825	11,961	11,733	10,99	9,84	8,70	7,99	9,97
Balanco da Conta Corrente	Percentual do PIB	2,26	-0,75	-2,67	-1,21	0,22	-0,92	-1,63	-4,04	-1,56
Índice	Unidade	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Produto Interno Bruto	Varição percentual	-5,71	10,73	8,80	3,97	7,15	2,80	4,62	3,96	
Inflação	Varição percentual	7,51	0,81	2,26	4,07	2,76	3,52	3,59	2,75	
Taxa de Desemprego	Percentual da PEA	6,95	6,58	4,43	4,02	3,28	3,57	3,68	3,73	
População	Pessoas (1.000)	46 287	46 617	47 008	47 357	47 622	47 859	48 039	48 138	
Gastos Totais do Governo	Percentual do PIB	18 425	19 165	19 071	20 385	19 781	20 207	19 366	19 985	
Débito Bruto do Governo	Percentual do PIB	14 26	16 34	16 73	17 37	17 57	20 70	23 83	27 66	
Balanco da Conta Corrente	Percentual do PIB	11 29	5 31	2 30	1 59	0 94	1 86	3 90	1 77	

FONTE: INTERNATIONAL MONETARY FUND, WORLD ECONOMIC, DATABASE OCTOBER 2010

Ao analisar o balanço da conta corrente no período de 1980 a 2005, pode-se perceber alguns desequilíbrios, no caso internos, como no ano de 1980 (déficit de mais de 8% do PIB), mas esse déficit logo é controlado e reduz nos anos seguintes, até obter superávit em 1986. É importante ressaltar que o déficit no balanço da conta corrente era proveniente de gastos em investimento, ao contrário do caso brasileiro, que o déficit provém do consumo.

O crescimento coreano se deu devido ao superávit na balança comercial e controle das transações correntes, com o aumento das exportações, mas o que possibilitou a infra-estrutura que o país necessitava para exportar foram os empréstimos internacionais, o crescimento coreano se dá através da poupança externa.

ANO	BRASIL			CORÉIA DO SUL		
	EXPORT.	IMPORT.	SALDO DA BALANÇA COMERCIAL	EXPORT.	IMPORT.	SALDO DA BALANÇA COMERCIAL
1955	1423	1307	116	18	341	-323
1956	1482	1234	248	25	386	-361
1957	1392	1489	-97	23	442	-419
1958	1243	1353	-110	14	378	-364
1959	1282	1374	-92	20	304	-284
1960	1268	1462	-194	32	344	-312
1961	1403	1460	-57	41	316	-275
1962	1214	1475	-261	56	422	-366
1963	1406	1487	-81	87	560	-473
1964	1430	1263	167	118	404	-286
1965	1596	1096	500	173	463	-290
1966	1741	1496	245	251	716	-465
1967	1654	1667	-13	321	996	-675
1968	1881	2132	-251	457	1463	-1006
1969	2311	2265	46	624	1824	-1200
1970	2739	2849	-110	836	1984	-1148
1971	2904	3701	-797	1067	2394	-1327
1972	3991	4783	-792	1625	2522	-897
1973	6199	6999	-800	3221	4240	-1019
1974	7951	14168	-6217	4462	6852	-2390
1975	8670	13592	-4922	4945	7174	-2229
1976	10128	13726	-3598	7716	8774	-1058
1977	12120	13257	-1137	10048	10811	-763
1978	12659	15054	-2395	12722	14972	-2250
1979	15244	19804	-4560	15057	20339	-5282
1980	20132	24961	-4829	17512	22292	-4780
1981	23293	24079	-786	21268	26131	-4863
1982	20175	21069	-894	21853	24251	-2398
1983	21899	16801	5098	24446	26192	-1746
1984	27005	15210	11795	29245	30631	-1386
1985	25639	14332	11307	30282	31136	-854
1986	22349	15557	6792	34715	31585	3130
1987	26224	16581	9643	47281	41019	6262
1988	33494	16055	17439	60696	51811	8885
1989	34383	19875	14508	62377	61465	912
1990	31414	22524	8890	65016	69844	-4828

CONTINUA

CONTINUAÇÃO

ANO	BRASIL			CORÉIA DO SUL		
	EXPORT.	IMPORT.	SALDO DA BALANÇA COMERCIAL	EXPORT.	IMPORT.	SALDO DA BALANÇA COMERCIAL
1991	31620	22950	8670	71870	81525	-9655
1992	35793	23068	12725	76632	81775	-5143
1993	38555	27740	10815	82236	83800	-1564
1994	43545	35997	7548	96013	102348	-6335
1995	46506	54137	-7631	125058	135119	-10061
1996	47747	56792	-9045	129715	150339	-20624
1997	52994	63291	-10297	136164	144616	-8452
1998	51140	61135	-9995	132313	93282	39031
1999	48011	51909	-3898	143686	119752	23934
2000	55086	59053	-3967	172267	160481	11786
2001	58223	58640	-417	150439	141098	9341
2002	60362	49716	10646	162471	152126	10345
2003	73084	50859	22225	193817	178827	14990
2004	96678	66433	30245	253845	224463	29382
2005	118529	77628	40901	284419	261238	23181

QUADRO 7 – TROCA TOTAL DE MERCADORIAS BRASILEIRA E SUL-COREANAS DE 1991 A 2005
(VALORES EM MILHÕES DE DÓLARES)

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA COM DADOS OBTIDOS NO SITE DA OMC

4 CONCLUSÃO

O governo coreano teve papel fundamental no desenvolvimento econômico do país, onde através de um governo essencialmente tecnocrata criou condições para que a economia se desenvolvesse. Concedeu créditos para as *chaebols*, buscou experiências estrangeiras (principalmente japonesa), determinou metas anuais para as empresas, sob pena de corte de créditos às empresas que não atingisse tais metas, favoreceu alguns setores específicos que julgou serem mais importantes para exportação (principalmente o setor automobilístico, de eletrônicos e de semicondutores), incentivou a geração de tecnologia (muitas vezes através do processo de engenharia reversa) e investiu em educação. Enfim, o governo determinou as diretrizes de crescimento e executou as políticas de forma bastante intervencionista e mesmo autoritária.

Para entender o crescimento sul-coreano foi utilizada as idéias que Thirlwall desenvolveu no que ficou conhecida como a Lei de Thirlwall. A Coréia do Sul cresceu através do aumento das exportações e da utilização da poupaça externa para viabilizar os investimentos necessários, e manteve-se num crescimento contínuo por um longo prazo. O modelo de crescimento sul-coreano obedece o modelo de crescimento proposto por Thirlwall, que através da exportação, o país pôde manter níveis significativos de crescimento no longo prazo.

Outros fatores que possibilitaram o crescimento sul coreano foram: a cultura dos trabalhadores coreanos (confucionismo, dando muito valor a pessoas mais instruídas), a dinâmica das empresas (*chaebols*). algumas migraram do ramo de creme para rosto para automobilístico e até naval, as parcerias de empresas coreanas com empresas estrangeiras (o que permitiu a entrada de tecnologia na Coréia do Sul), isso tudo resultou no aumento da produtividade do país.

O foco das políticas econômicas governamentais era o desenvolvimento econômico, para obter sucesso o governo criou os Planos Quinquenais para o Desenvolvimento Econômico (PQDE). o objetivo desses planos eram industrializar o país e promover as exportações.

Os dois primeiros planos (1961 à 1971) tinham como objetivo o aumento geral das exportações de manufaturas leves. Os planos seguintes beneficiaram alguns setores que o governo considerava como fundamentais ao crescimento. De 1971 à 1976 (terceiro PQDE) beneficiou os setores de ferro e aço, maquinaria de transporte, eletrônicos, construção naval e petroquímico. No quarto PQDE beneficiou os setores com alto grau de tecnologia agregada, como o automobilístico. E, por fim, o último PQDE (de 1981) ainda beneficiaria os setores com alto grau de tecnologia agregada, mas também visava formar um estado de bem estar social.

Devido à todos esse fatores somado à capacidade dos coreanos de controlar as transações correntes (contornando desequilíbrios externos e internos, quando ocorriam) o país pôde sair de uma economia essencialmente agrária, com baixa infra-estrutura e renda na metade do século XX para uma economia essencialmente industrial ao final do século XXI. O produto *per capita* da Coréia parte da metade do produto brasileiro na década de 50 para mais que o dobro no começo do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ALDRIGHI, D. M. **Financiamento e Desenvolvimento Econômico: teorias e a experiência coreana**. São Paulo: Atlas, 1997.
- AMSDEN, ALICE H. – **Asia's Next Giant: Shouth Korea and late industrialization**. New York: Oxford University Press, 1989.
- ASSOCIAÇÃO DE MEDICINA TRADICIONAL CHINESA (AMTC). **Confucionismo** Disponível em: < <http://www.amcbr.com.br/Confucionismo.pdf>> Acesso em 12/11/2010.
- BRASIL ESCOLA** - Disponível em:
<<http://www.brasilecola.com/historiag/guerra-coreia.htm>> Acesso em 19/10/2010.
- CANUTO, O. A Crise Asiática e Seus Desdobramentos. **Revista Econômica**, V. II, N. 4, Dezembro de 2000, p. 25-60.
- CANUTO, O. **Brasil e Coréia do Sul: os (des)caminhos da industrialização tardia**. São Paulo: Nobel, 1994.
- CHARLES R. FRANK, KWANG SUK KIM & LARRY E. WESTPHAL – **Foreign Trade Regimes and Economic Development: South Korea**. Nber, 1975
- FLEURY, A. E FLEURY, M. T. L. – **Aprendizagem e Inovação Organizacional: as experiências de Japão, Coréia e Brasil**. São Paulo: Atlas, 1997.
- HARVIE, C. PAHLAVANI, M. **Sources of Economic Growth in South Korea: an application of the ARDL analysis in the presence of strutural breaks – 1980 – 2005**. Disponível em <<http://www.nber.org/books/fran75-1>> Acesso em 07/11/2010
- LINSU KIM – **Da Imitação à Inovação: a dinâmica do aprendizado tecnológico da Coréia**. Campinas: Unicamp, 2005.
- MASIERO, G. **A Economia Coreana: Características Estruturais**. PUCSP, 2000. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/geap/artigos/art6.PDF>> Acesso em 02/11/2010.
- MASIERO, G. As Lições da Coréia do Sul. **Revista ERA Executiva**, V. I, N. 2, novembro de 2002 à janeiro de 2003
- Minsky, H. P. **John Maynard Keynes**. New York: Columbia University Press, 1975.
- MINSKY, H. P. **Stabilizing an Unstable Economy**, New Haven: Yale University Press, 1986.

PAINCERA, JUAN PABLO **O Papel dos Bancos na Crise Financeira da Coréia do Sul de 1997: uma abordagem da Hipótese de Instabilidade Financeira.** Parte da dissertação de mestrado “A atualidade da hipótese de instabilidade financeira e a crise financeira da Coréia do Sul de 1997” defendida no IE/UFRJ em março de 2001.

THIRLWALL, A. P. **A Natureza do Crescimento Econômico: um referencial alternativo para compreender o desempenho das nações.** Brasília: IPEA, 2005.

VIEIRA, FABRÍCIO A.C., HOLLAND, MÁRCIO **Crescimento Econômico Secular no Brasil, Modelo de Thirlwall e Termos de Troca.** Artigo Científico, 2006.

YOON, T. D. E SOUZA, N. J. – Uma Análise Empírica Sobre os Fatores do Desenvolvimento Econômico da Coréia do Sul: 1961 1990. **EST.ECON.**, SÃO PAULO, V. 31, N. 2, P. 321-367, ABRIL-JUNHO 2001.